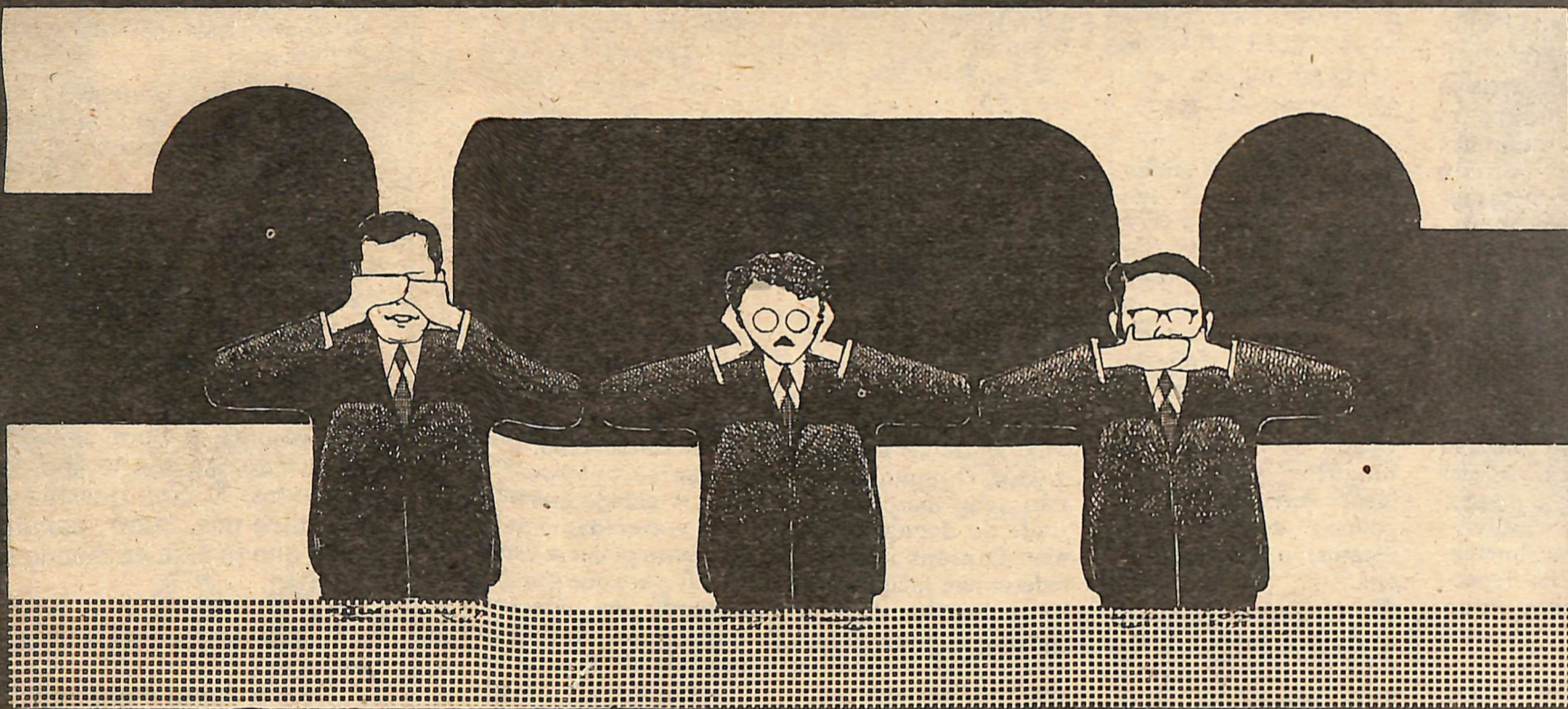


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, DE 24 A 30 DE NOVEMBRO DE 1975 - Nº 21

ARQUIVAR

PREÇO CR. \$ 2,00



CÂMARA MUNICIPAL : COMO SE NADA HOUVESSE.... PAG. 13 E 16

COLÉGIOS TÉCNICOS, AS BOAS OPÇÕES PAG. 8 E 9

ALBERTO TRALDI DISSECA O TIRANO PAG. 3

Coroas e Flores

No número 16, ou 17 (diabo de confusão) deste hebdô, publiquei "Papo pros caras", que só não provocou abalo sísmico. Choros, distúrbios cárdio-vasculares, enxaquecas, suspiros, mal estar generalizado e até uma infecção de joanete foi o balanço do artigo — segundo informações que me chegaram aos ouvidos, juntamente com os aplausos.

As vítimas? Mamães (a maioria) e um ou outro papai dos caras. Portanto, os coroas.

Quer dizer: você, sob a emoção de uma notícia chata a respeito da garotada se estourando pelaí, escreve uma oração a ela e quem acusa o golpe são os pais.

Se isso acontece na profissão que exerço regularmente (publicitário) eu estou feito: perco o emprego. E explico porque: seria o mesmo que fazer um anúncio de toalhinhas absorventes e, de repente, os marmanjos começarem a comprar... para seu uso. Não apenas isso, mas a venda cair, entre as mulheres — porque, na verdade, nenhum garoto ou garota, dos muitos que conheço e que lêem o **J2**, fez sequer menção ao artigo, quando eles seriam o público visado.

Esse fracasso "mercadológico" me faz repensar, seriamente tudo quanto tenho escrito.

Ou, mais que isso, me faz repensar tudo quanto tem sido publicado neste jornal, especialmente as denúncias (fartamente comprovadas) contra a desadministração da cidade.

Algumas pessoas têm sido atingidas por elas, temos certeza. Tanto que têm dado urros e, ultimamente, feito insinuações que poderiam até nos comprometer — não viessem de quem vêm.

Mas não são o prefeito ou sua comitiva o alvo

que pretendemos atingir, com as denúncias. Pretendemos atingir a você, cidadão vacinado, em dia com suas responsabilidades. Você, que de certa forma — e tanto quanto eu — é responsável por serem esses os homens que dirigem a cidade: eu não votei em ninguém; você certamente votou no "menos político" dos então candidatos; o resultado aí está.

O que é que você tem feito, depois de ler nossas informações? Tem aplaudido? Tem lido o jornal em voz alta, na rodinha de amigos, no clube? Tem feito uma assinatura do jornal para um desses amigos, para que ele também possa "saber das coisas"? Nós precisamos (e gostamos) de aplausos. Nós achamos importante que você faça seus comícios particulares, discutindo a coisa pública. Nós precisamos (e como!) de assinaturas do jornal.

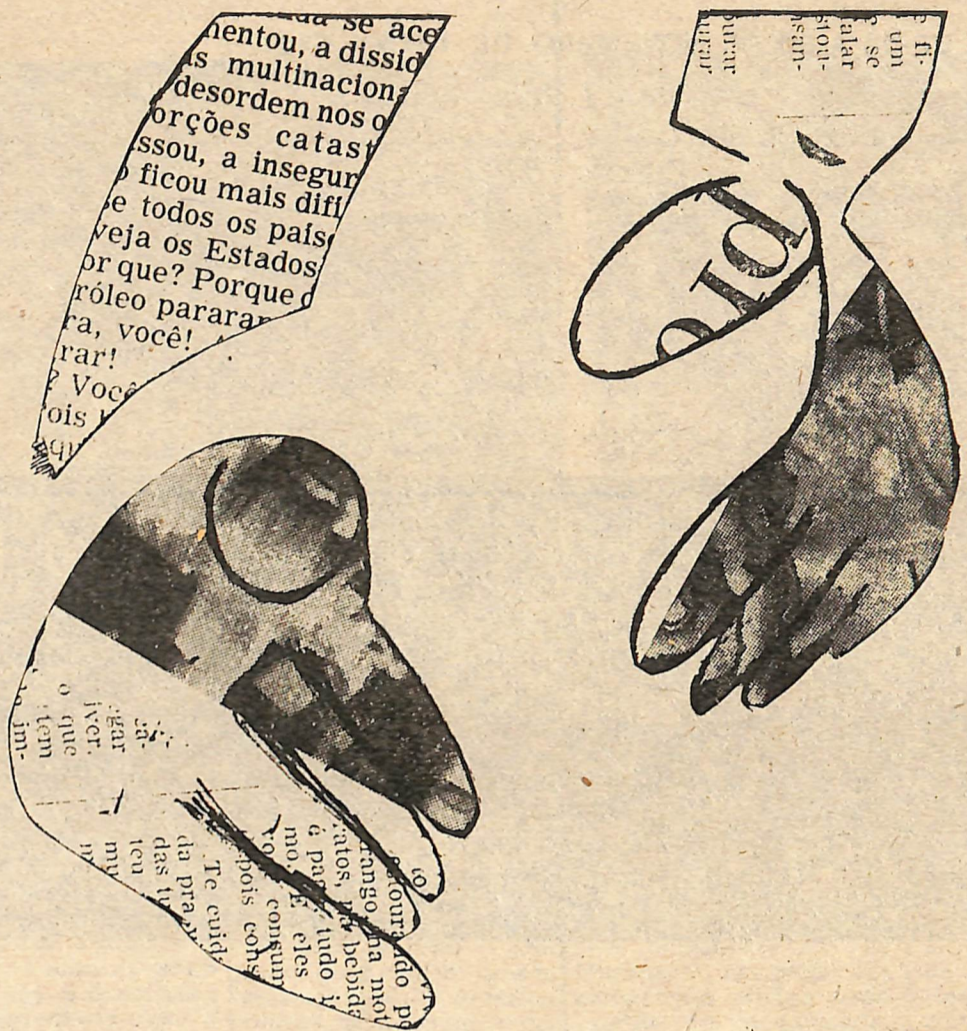
Mas, acima de tudo isso — e essa é a razão dá

gente estar metido neste pasquim — nós queremos é que você se conscientize, se politize.

Politizar-se exige muito da gente. Exige que se abra mão de interesses particulares (e, por isso, menores) para se agir **politicamente**, ou seja, em nome da coletividade. O ponto de vista não tem marca registrada do **Jornal de 2**, não. O próprio governo federal tem falado muito na necessidade do engajamento político, ultimamente. Porque deve ter sentido, nestes anos todos e especialmente nas últimas eleições, que é a ação política quem chancela ou reprova tudo quanto se faz em nome do povo.

O ano que vem será um ano de eleições. Vale dizer, um ano de grande movimentação, com obras públicas sendo feitas aos potes.

É necessário que você esteja atento e procure discernir o valor de tudo quanto será (e será) feito.



Asfalto é bom para a sua casa e para o seu automóvel? Nós sabemos que sim. Mas quanto ele está custando — não prá você que pode pagar, mas para aquelas pessoas que mal estão conseguindo ter o indispensável (arroz, feijão, uma misturinha, você manja?)

A cidade precisa de ruas e avenidas mais largas, para poder se expandir? É claro que sim. Mas expandir em direção a quê? Com vantagens para quem? A que preço? Aplauda, comente, assinie o **Jornal de 2**.

Mas não fique apenas nisso. Ou você estará fazendo o mesmo que os papais e mamães que leram e se comoveram com o "Papo pros caras": nada, a não ser encher de vaidade o autor.

O que é muito pouco, politicamente falando.

**Erazê
Martinho**

Canto Chorado

Seu prefeito, voismecê precisa ferrar o DAE. Que é que é isso?... Faz dois meses que o esgoto aflora defronte o 126 da Secundino e o DAE nem "tá aí"?

O pessoalzinho da zona está reclamando contra a fedentina. Diz que já passou um fio p'ra lá uma porção de vezes e nada de o peixe pegar.

Que é isso, seu prefeito. Meta o ferrão nele. Esse negócio de encolher é p'ra sanfona.

Afinal de contas, p'ra que é que se paga tanto imposto, quer dizer, a taxa d'água? Prá que a podridão suba à porta de nossas casas? Durante sessenta dias, ou pouco menos ou pouco mais?

Já chegam os vasamentos que de minuto-a-minuto estão ressequindo as torneiras da vizinhança.

Agora, que o calor vem chegando, alguém precisa dar um jeito naquela fedorência.

Pois é. Esse é o chôro agreste que se houve daquelas bandas. Chôro acompanhado de outro ditos, (ciciados) que se ditos em alto fariam corar um frade de pedra.

Todavia, pensando bem, os caras daquela rua não tem tanta razão quando metem o verbo no DAE.

Se fosse só lá, estariam certos, isso porque então se constataria uma odiosa diferença de tratos. Mas, não é só lá. Há vasamentos nauseabundos por toda parte.

Uns com sessenta, outros com setenta, outros com oitenta e até com cem dias ou mais.

Manda o bom senso que haja compreensão. Ao seu tempo, todos serão consertados. É uma questão de paciência. E cá entre nós, leitor, paciência é uma virtude que já está enchendo o "sapicuá" dos jundiás.

Mas, se precisa paciência, porque não esperar?

Se a fossa "cheirar" muito, quando passar-se por ela é só botar um lenço no nariz...

Em todo o caso, seu prefeito — como diz o caipira — por sim ou por não, faça alguma coisa — meta o ferrão no DAE.

Se por causa de um buraco Vai o DAE levar o ferrão

Quantas ferroadas merece Quem se aproveita do chão P'ra asfaltar ruas calçadas Deixando os bairros na mão?

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ
IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA*

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Oficinas Impressoras: "Cruzeiro do Sul"
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

“Aquele que exerce o governo por meio de sua virtude pode ser comparado à estrela polar que ocupa o seu posto e todas as demais giram em torno”. Confúcio

E, TSZÉ-Chiang perguntou a Confúcio: “De que modo deve agir uma pessoa que tem autoridade para que possa dirigir devidamente o governo?” — Repliquou o Mestre: “Deixai-o honrar as cinco coisas excelentes e desterrar as quatro coisas más, e ele poderá conduzir devidamente o governo.

Tszé-Chiang perguntou: “Que queres dizer com cinco coisas excelentes?”

Disse o Mestre: “Quando a pessoa dotada de autoridade é benéfica sem grandes gastos; quando impõe ao povo cargas de que este não se queixe, quando procura conseguir o que deseja, sem ser ambicioso; quando defende uma causa digna, sem ser orgulhoso, quando é majestático sem ser violento”.

Ainda: Sendo Tszé-hsia governador de Chufu, perguntou sobre o governo.

Disse o Mestre: “Não desejes que as coisas se façam rapidamente. Não te fixes nas pequenas vantagens.

Desejar que as coisas se façam rapidamente impede que se façam conscienciosamente”.

O que caracteriza o tirano?

Em primeiro lugar, a ilusão da onisciência. Tudo sabe, tudo prevê, e, quando as respostas não coincidem com suas afirmações ou sonhos, rodeia-se, primeiro de amigos bajuladores.

Quando estes começam a reecar as consequências dos desmandos, cerca-se de bajuladores mercenários, e quando estes, já saciados se afastam no afã de salvar o já amealhado, restam os parentes, as sibilas, os terreiros, os bufões e por fim a solidão paranóica.

Outro característico é a ambição pessoal. Para o tirano, não há grandeza sem pompa, não há pompa sem recursos, e os recursos vem sempre do povo, que deve pagar para participar da grandeza e deslumbrar-se com a ostentação.

Assim como a construção das pirâmides encheu de alegria os milhares de egípcios que as edificaram, as obras messiânicas dos tiranos são sempre executadas para a felicidade e alegria do tirano, dos seus sátrapas, dos seus népotes, dos planejadores e dos executores, dos intermediários, dos corretores, dos banqueiros e agiotas, e do povo enfim. “Tudo pelo povo, nada para o povo”.

Imortalidade também é uma face típica da tirania: “Depois de mim o dilúvio”.

É parte integrante da personalidade do tirano: “Nunca alguém fez mais que Eu, e nunca ninguém o fará”.

Não é importante para a lógica paranóica sejam as realizações auto-afirmativas pagas com o sacrifício geral, desde que a Obra máxima, o obelisco, o monumento, a suntuosidade, reafirmem perpetuamente:

“Ele é, e será”.

Continuidade é outra das preocupações do tirano.

O melo lógico da perpetuação no poder é o afastamento sistemático de elementos que tenham, por capacidade de trabalho, sabedoria ou fortuna, meios de despertar a atenção popular. Um tirano à sombra não sobrevive. Os bons são afastados e é criada a corte, composta de parentes, mercenários, bajuladores, magos, adivinhos, rivais que aguardam sua oportunidade, que lutam entre si mas em conjunto entoam loas ao Benfeitor que lhes proporciona o aparato, as corretagens, as facilidades e as indulgências, o brilho que refletem enquanto o poder os ilumina.

Disse um rei a Zaratustra: “Não há calamidade mais dura em todos os destinos humanos do que quando os poderosos da terra não são ao mesmo tempo os primeiros homens. É quando tudo se torna falso e monstruoso, tudo anda ao invés. E quando são os últimos, e, antes animais do que homens, então sobe de preço a ralé, e pela continuação acaba por dizer: Já vedes, só Eu sou a virtude.”

Alberto
Traldi

O prenúncio da tempestade

Não alimentamos a menor sombra de dúvida ao afirmar que o sr. prefeito municipal, seus auxiliares mais diretos e principalmente a nossa Câmara de Vereadores tomaram conhecimento em torno de uma análise resumida da proposta orçamentária na parte que fixa as despesas da Prefeitura durante o ano vindouro, publicada por esta folha em seu número de 10 do corrente.

Ainda que não o manifestem, por useiros e vezeiros como são, ao fazer ouvidos de mercador à catilinarina popular ao redor da atual

administração — tida e havida como a pior entre as piores — prefeito e vereadores leram e sentiram, embora sem perplexidade, o libelo acusatório que ali vem estampado ao prenunciar a tempestade. A tempestade que carregará no roldão da enxurrada dos desmandos os pingues recursos de um povo exaurido por sufocante carga tributária e pelo ônus resultante de juros de empréstimos escorchantes.

Deverão ser pagos pelo nosso município, no exercício de 1976, para mais de 21,5

milhões de cruzeiros a título de juros da dívida pública.

São — repetindo a frase do colega — 21,5 milhões de juros por conta das primeiras parcelas dos empréstimos — enquanto que o grosso ainda está em processo de obtenção, ou, se já obtido, de carência.

O sr. prefeito municipal, apoiado por uma edilidade dopada pelo próprio despreparo, quando não por inconveniências inconfessáveis, deu largas à sua volúpia dinheirista, levando ao máximo a

capacidade de endividamento do município, através de empréstimos mal negociados, cujo prazo de liquidação, transcendendo os seus dias imporá aos sucessores a triste incumbência de resgatá-los a duras penas.

E não há como fugir a essa repudiável situação.

A dívida está contraída e o contribuinte, ainda que não a tenha encomendado, terá que responder por ela.

Daí vem a pergunta no bôjo da própria res-

posta: Como atuarão os próximos prefeitos? Darão solução de continuidade a todas as obras públicas, deixando os bairros e subúrbios à mingua dos requeridos melhoramentos de infraestrutura, ou para dar-lhes execução, sobre-carregarão os pagantes com mais encargos tributários?

É de evidência que certas exigências fundamentais da periferia em franco desenvolvimento vegetativo não podem ser relegadas nem sequer postergadas. Nesse caso, o povo terá que purgar mais

impostos ou terá que ir à concordata porque não poderá pagar no tempo certo as contas do município.

E a tempestade virá. Nessa hora **vocês**, privilegiados da fortuna, que insensíveis, corporificam a arredada sociedade jundiense, enterrem as suas cabeças até que passe a borrasca. A comunidade que se dane.

Escritório de Advocacia

dr. Ademercio Lourenço
dr. Alcimar A. de Almeida
dr. Francisco V. Rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

causas cíveis e criminais

DRs.

LAERTE DE FRANÇA
SILVEIRA RIBEIRO
MARIO PEREIRA LOPES

Barão, 1041, 29º a.
fone: 4-3566

advocacia trabalhista e comercial

DR. ANDRÉ BENASSI
DR. RANDAL G. GARCIA
Barão, 873
fone: 6-2936

XEROX também é com o FOTÓZEZINHO
ROSÁRIO, 523 - FONE 6-3745

MUDANÇA? IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR
1000 100
FONES: 4-0229 - 6-5086

NOVIDADES Charne
CALÇADO, ROSÁRIO, 626

CONsertos DE TV, RÁDIOS E TAPES ELETRÔNICA ANZOLIN
rua marechal, 533
telefone: 6-7683

Os doutorandos deste ano

Os Doutorandos de 1975, da Faculdade de Medicina de Jundiá, sentir-se-ão honrados com a presença de V. Eclia. às solenidades de sua formatura, que obedecerão o seguinte programa:

— Dia 10 de Dezembro, 17:00 horas, Missa: Igreja Nova Jerusalém (Rua Bom Jesus de Pirapora); 20:00 horas — Colação de Grau no Palácio da Justiça "Dr. Adriano de Oliveira" (Praça Tibúrcio Estevan de Siqueira):

— Dia 11 de dezembro 23:00 horas — Baile de Gala no Grêmio Recreativo Companhia Paulista (Rua Rangel Pestana, 334).

Diretor: Prof. Dr. Metry Bacila

Patrão: Prof. Dr. Anibal Cipriano da Silveira Santos

Parainfo: Prof. Dr. Jayme Rodrigues

Orador: Marinho Jorge Scarpi

Homenagem Especial: Prof. Metry Bacila, Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz, Prof. Dr. Antonio Monteiro Cardoso de Almeida, Prof. Dr. Joaquim Jacintho Floriano de Toledo.

Menção Especial: Dr. Walmor Barbosa Martins.

Professores Homenageados: Dr. Antonio Sesso, Dr. Alvaro da Cunha Bastos, Dr. Adhemar Purchio, Dr. Dino Baptista Germano Patoli, Dr. Douglas Antonio Zago, Dr. Antonio Carlos Pereira Barreto, Dr. Fausto Haruki Hironaka, Dr. José Carlos Pereira Junior, Dr. Paulo Carvalho Portela, Dr. Antonio Carlos Cassola.

Homenagem Afetiva: Dr. Carlos Moriyama.

Homenagem Administrativa: Oswaldo Willy Feher, Agostinho Seixas.

Aos nossos pais, que tornaram possível este momento, a promessa de exercermos digna e humanitariamente nossa profissão.

Nossa homenagem e gratidão a todos aqueles que colaboraram para nossa formação médica.

Juramento — "Prometo que, ao exercer a arte de curar, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência, e que terei como minha constante preocupação o máximo respeito pela vida humana, não permitindo que questões de qualquer natureza se interponham entre o meu dever e o meu paciente. Ensinarei esta arte com generosidade aos filhos dos meus mestres e aos meus filhos bem como àqueles que se comprometerem a praticá-la sujeitos a este juramento e a nenhum outro em contrário. Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará aos segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra. Nunca me servirei de minha profissão para praticar métodos que provoquem o aborto e nem usá-la-ei para corromper os costumes ou favorecer o crime. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, gozarei eu e minha vida e a minha arte, para sempre, de boa reputação entre os homens, mas se eu o transgredir ou perjurar, suceda-me o contrário": (Hipócrates, 406 A.C.)

Doutorandos: Abel Luiz Ferreira Neto, Alfredo Manoel da Silva Fernandes, André Scatigno Neto, Angelo D'Ovidio Neto,

Antonio Roberto Penteado Cyrino, Armando Giancoli Filho, Carlos Augusto Marino Nascimento, Carlos Roberto Del Nero, Clarice Blaj Neufeld, Claudinei José Martins, Daisy Aparecida Franzini, Edmir Américo Lourenço, Eurico Pereira Neto, Fernando Augusto Barcelos de Brun, Francisco Assis Prado, Francisco Turriani Filho, Gualtiero Valério Pasquale Clausa, Heloisa Ciari, Jorge Catsutochi Takeuchi, Jorge da Costa Filho, José Mário Caliente, Lázaro Bornstein, Luiz Carlos Marchi de Queiroz, Luiz Guilherme Belardo, Luiz Henrique Scalfi, Luiz Roberto Prado Rodrigues, Marco Antonio Herculanio, Maria Beatriz Toledo Guimarães, Maria Lúcia Taniguti, Maria Silvia Alves Guerra, Maria Teresinha Ribeiro, Marilene Tedeschi, Marinho Jorge Scarpi, Mário Murata, Matilde Turriani, Nelson Gimenez Júnior, Osvaldo José Luporini, Paulo Basto de Albuquerque, Paulo Sérgio Alberti, Pedro Paulo Spósito, Regina Maria De Nardi Campos, Reinaldo Ferrari Barros, Reinaldo Vargas Bastos Miranda, Ricardo Tito Escórcio Marques Spínola, Rosa Maria Martins de Camargo, Rolelli Correa, Rosemary Hauff Martins, Sarita Maria Lazaretti, Sônia Maria Bortolini Scarparo, Sônia Regina Mello Coelho, Tânia Regina Parera Rodrigues Costa, Valdemar Afonso Pandini, Vanderlei Carlos Brussil Pereira, Vânia Soares de Azevedo, Vanor Wagner Rezende, Viriato Emanuel Alves Coelho, Wilma Aparecida Camargo.

Poucos livros

O que há para ler na Biblioteca Municipal de Jundiá? Muito pouca coisa, infelizmente. É assustadoramente pobre o acervo naquela casa de leitura, somando aproximadamente 6.000 livros, dos quais, apenas 1.000 versam sobre literatura geral. Urge aumentá-lo "para o bem de todos e a felicidade geral da nação" jundiáense.

Essa indiferença literária dá à entender que a leitura não é levada muito a sério pela administração municipal, a qual, segundo informação local, canaliza-lhe uma insuficiente verba de Cr\$ 20.000,00 anuais. Ao contrário do que se possa supor, a procura, geralmente vã, é grande. A média diária de consulentes é de 200 a 300, na maioria estudantes, não falando dos "ratos-de-biblioteca" que esporadicamente aparecem e desiludidos, desaparecem.

Ademais, o sistema de atendimento precisa de um arejamento, é muitíssimo rígido. É preciso criar um clima propício e incentivador à leitura, seria ótimo que houvesse empréstimos semanais de livros, criando a ficha do sócio e estabelecendo os "dez mandamentos" do sócio, contendo as necessárias regalias e deveres.

Não obstante o míngua acervo, alguns irresponsáveis energúmenos, vilmente, arrancam folhas com preguiça de copiar, outros "artistas" garatujam os livros de estudo. Já já foge do nosso alcance, compete aos professores implantarem uma mentalidade a esses inconsequentes. O nosso papel é tornar público que, em Jundiá, lamentavelmente, temos 1 (um) livro para cada 200 (duzentos) habitantes. "Simploribus" é muito infeliz, sabia?

Sérgio Ney

Buraco

Gostaria que um repórter aí do Jornal de Segunda viesse dar uma espiada aqui na rua Barão de Teffé. No semestre passado arrebentaram a rua, para passar um cano do DAE, que subiu pela Av. Amadeu Ribeiro em direção da caixa d'água. Naquela ocasião foi um transtorno enorme, as valas abertas, as ruas interrompidas, e o serviço naquele passinho que vocês sabem muito bem. Depois de muito tempo e muito sacrifício para os transeuntes, fecharam as valas, mas não consertaram o asfalto. Foi aberta a passagem por aquelas ruas, mas só com meia pista, pois a outra metade é um buraco só. Isso já faz muitos meses, e nada de consertar. Agora estão botando asfalto na Avenida Jundiá, mas aquelas ruas continuam esburacadas. É um absurdo, o trânsito todo da Avenida desviado para as ruas esburacadas! Será que não tem ninguém para tomar providências e acabar com todos aqueles buracos e toda aquela terra que atormentam os moradores?

Vicente Felício Correa

Mobral

A Comissão Municipal do MOBREAL de Jundiá tem a honra de convidar V. Exa. para comparecer à solenidade de entrega de certificados de conclusão de curso aos alunos de Alfabetização Funcional, a realizar-se no próximo dia 24, às 19 horas e 30 minutos, no Salão Nobre do Gabinete de Leitura Rui Barbosa.

Patrão da Turma: Benjamin Herman

Parainfo: Josef Pfulg
Homenagem Especial: Prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz e Rubens Robertsoni
Jundiá, novembro de 1975
Aguinaldo de Bastos
Presidente



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos
Mantemos sigilo absoluto
Vagas para os seguintes Departamentos:
SECRETARIAL ADMINISTRATIVO
VENDAS E MARKETING
TÉCNICO INDUSTRIAL
Horário: das 8:00 às 18:00 h
Sábados: das 8:00 às 12:00 h
Não fechamos para almoço
Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987
JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

TAPEÇARIA BRASIL
ESPECIALIDADE EM TAPEÇARIA DE AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977



COZINHA JUNDIAIENSE LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408
FONES: 6 6392 & 6 2461

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções
rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado em Jundiá:

COMERCIAL PANIZZA LTDA.
BARÃO-427
FONE: 6-8231

O namoro

A tarde cai, por demais
Erma, úmida e silente...

A chuva, em gôtas glaciais,
Chora monótonamente.

E enquanto anoitece, vou

Lendo, sossegado e só
As cartas que meu avô
Escrevia à minha avó

"Cartas de meu avô"
Manuel Bandeira.

O relógio do tempo ia empurrando a criança e nós iam mudando sem sentir; mergulhados naquela monotonia de todos dias iguais, até o jeito da tiração do leite era o mesmo, primeiro a vaca fulana, depois a sicrana, depois... Com o tempo dava pra ver que as vacas não eram as mesmas, iam diferenciando, os bezerros mudavam até o chão pisado mudava. Havia qualquer coisa de diferente naqueles dias sempre iguais. Monotonia gostosa feita de expectativas de novas descobertas, que raros eram os dias em que não se aprendia coisa nova. Certas mudanças não eram notadas muito demais; uma irmã, que, sem motivo, não brincava mais de casinha, de pega, não saía mais de perto de nha mãe. Tinha doze anos, não andava mais c'os meninos. Menina de doze anos já era mocinha, acabou-se, menino de treze andava por aí no bem bom, estilingue no cóis das calças, que bolso era só prá homem, e assim mesmo era falta de educação andar co'as mãos nos bolsos. As mocinhas ficavam mocinhas ninguém compreendia, mocinha por que? Piá duma figa, vá vá bobona! xingação nas tais que tinham se diferenciado naquele mundo de todo dia igual! E minha mão braba:

—Ocê num seje besta de ponhá a mão ansim na sua irmã! E a mocinha, desgra-

nhuda, a gente nem'tava fazendo nada, já gritava:

—Mãe, ói ele!

Monotonia gostosa de dias diferentes., Daqui a pouco, 15 anos já prá 16 num domingo depois da tiração do leite, nho pai caçava a sério!

—Ocê num vai cortá essa pelama da cara? Tá ficando home... Primeiro grande susto "Home?" Primeira barba. Divisa entre o menino e o homem. As calças eram desigualmente curtas conforme a idade aos quinze anos ela era assim pro meio das canelas, ao cinco eram curtinhas, lá em cima, o pipi aparecendo. E ao terminar entre caçoadas a feitura da primeira barba a mãe aparecia, de surpresa, com a primeira calça comprida e com bolsos - e a recomendação:

— É farta de inducação anda co'as mão nos bolso!

Recomendação desnecessária, que isto a gente já sabia. E a assoada dos menores:

Fiaú, pinto carçudo.

—Eh! Homão!

—Sai lumbriga!

Primeira missa de "home". Criança ajoelhava c'os dois joelhos, que nem mulher. Home, era vê um atirador, um joelho só, o direito.

Quando cansava, o esquerdo. Depois ia quadrar o jardim, olhos nas meninas. E os chistes:

—O quê! Na fatiota! — coisas assim.

—Feis a barba. Sinal que já podia

olhar nas moças. Namorar não, mas já começava a ensaiar. Escondido, que o pai não deixava. Mas o namoro vinha, não tinha jeito embora fosse pecado. Confissão de mocinho era sempre aquela:

—Padre, me dê sua bença por que pequei.

Pecado: namoro. Pecado: "Muié".

Não vou contar dos meus namoros, que tenho vergonha, fico encabulado. Mas vou contar dos outros. Vendo de fora é melhor, a descrição é sem paixão, friona.

Faustão e Raquel se conheceram crianças ainda. Encontros e brincados no sitio, reencontro na praça depois da missa. Como todo mundo tal e qual. Primeira barba, calça com prida, Faustão "dezaséis ano" viu Raquel de quatorze. Nesse dia viu diferente o qu'ele vinha vendo há mais de "óito ano". Viu diferente, sorriram-se diferente, conversavam antes todo dia santo e nesse dia conversaram encabulados, diferente. Brincaram durante toda a infância, sempre se tocaram e nesse dia ela tocou-lhe a mão, diferente. Tudo diferente. Coração no peito, diferente. Um dia, passado um tempão, os vi na praça "de trás" à sombra da sacristia. Parados, quietos, frente a frente, mãos nas mãos, olhos nos olhos, sorriso no sorriso. Eu os vi na procissão do Senhor Morto; ela, olhando prá riba, perdida nos olhos dele, ele olhando prá baixo, mergulhado nos olhos dela. Mãos nas mãos difícil andar assim sem olhar prá frente. E andavam. Eu os vi ele procurando saber que gosto tinha a cara dela. Eu só não, que todo mundo via.

—Vai dá casamento, que não demora! — diziam as comadres. Faustão nem conhecia mais a gente, andava sumido. Nós não conhecíamos mais Faustão. Emagrecera por demais, tamanha aflição nos olhos fundos nunca se vira, parecidinho com certos animais

selvagens que quase morrem na epoca do acasalamento, sofrer tanto assim, não correria ele o risco de malquecer? Que se a coisa fosse sempre assim não pagava a pena...

Um dia, noite fechada, na hora do terço, compadre Eleutério — compadre do meu pai — mais conhecido como nho Téio, embarafustou na nossa casa, nem "cum licença" nem "louvado" nem nada, a "reiva" danado na voz trêmula:

—O que vossa muié tem que sintrometê na vida das familia dos otro? — e sem tomar folego: Pois sintrometeu. A tal comadre Zita minha muié mais a vossa fôro fala com Nego Zimbo. Me tocô despois i inté lá.. patati, patata, falou, falou, por fim, olhos razos de lágrimas, debruçou na mesa e chorou. Meu pai compreendeu:

—Ocê aí, va chamá vossa mãe. Nha mãe "tava siscondida" no quarto c'a minha vô. E veio, cabeça baixa, explicando:

—Quero bem Raqué como fia, tomei tento prá que cumpadre não ponhasse ela na estrada...

A coisa ficou explicada, Nho Teio 'tava querendo desabafar, desabafou. No outro dia escutei nha vô conversando com nha mãe:

—Tamen, Faustão, aqueles zoio tão lindo azul que nem ceu, belezaza de cabelo é vê cabelo de milho verde, aquela brancura de corpo parecendo por baxo da

camisa home mais craro nunca vi, mais lindo, dente mais branco, quem havera de arresisti?

—E Raqué intão, mãe, cabelo mais preto nunca se viu, cumprido nas costa intê na curva, morena de fazê gosto, cintura nunca se viu iguá, mais alegre, mais carinhosa, mais... quem havera tamen de arresisti?

Foi assim. Por ser demais a fome, morreram no prato de angú. Faustão sumiu e só reapareceu quando seu filho, sua cara, completou oito meses.

—Vim buscá meu fio e Raqué. Caso quano tivé missa. Só daí há três domingos haveria missa. Mas por mágica, não se sabe como, no domingo seguinte apareceu o padre Damião na sua charrete e todo o povo e os noivos. Final feliz de um romance de roça.

A maioria casava direitinho. A familia do moço ia na casa da familia da moça e fazia o pedido de casamento. Era o noivado. Depois vinha o casório com grandes festanças, comidada por três dias. É bem verdade que acontecia muito do primeiro nenê nascer fora de tempo, cinco até seis meses depois do casório. Coisas do ar puro, sem poluição. O segundo filho já endreitava tudo, tempo ali, certo.

Mas havia um jeito de acertar o casorio contrariado, que não existe nas cidades.

Era a "derrubada". Quando a moça se fazia de esquerda, não dava confiança e a moça estava por demais embeijado era um desespero:

—Inda mato essa cadela — rosnava o rapaz. E ela, nem te ligo.

—Maldiçoada, qué me ponhá lóco.

Desespero tão grande num guento mais. I ela tá tirano linha cum outro. Me paga, vai vê, nem que tenha que matá!

E a tal continuava a "fazê pôco" do tal. E ele recebia recadinho de fuchiqueiras qu'nela tinha falado "molenga", "bobão", "chinfrin" e outros insultos, pura provocação.

Um dia, qu'ela ia levando o café da turma, ele 'tava esperando numa banda do cafetal. Pulava na frente dela:

—E agora, sua demônia?

Nem precisava falar mais nada. Ela corria e ele ia na perseguição. Nunca aconteceu dele não alcançá-la. Será qu'ela deixava? Sei lá. Ele a derrubava, rolavam e rolavam. E depois ele, diante da familia dela:

—Derrubei mesmo (Virando prá ela) Conheceu?

As veses dava em briga. Mas o final era casamento. Ela de olhos baixos, adorando a queda. Casava, mas não de gosto. Derrubada. Aqui na cidade é diferente. O povo, eterno noivo, é que é derrubado todo dia.

A Associação dos Engenheiros de Jundiaí

Vem a público prestar sua homenagem ao arquiteto LUIZ ORSI e ao engenheiro AFRANIO BRANDÃO REBELLO, recentemente exonerados dos cargos de Assistente Técnico que exerciam na Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Jundiaí.

No exercício de suas funções, estes profissionais sempre mereceram a admiração de seus colegas pela capacidade técnica e dedicação que sempre demonstraram; pela lisura impar de sua conduta; e pelo absoluto respeito que sempre demonstraram à lei a ao interesse público, nunca se prestando a quaisquer favores ou concessões dúbias, nem se dobrando a injunções de qualquer espécie que visassem contrariar as normas vigentes ou o bem comum.

A estes profissionais, que com dignidade sabem exercer sua profissão, o reconhecimento público da sua Associação de Classe.

Concorrências Públicas - VI

Entre as várias razões que alinhavamos e que impunham a necessidade de anulação da concorrência do plano viário de Jundiá, estão em que as obras foram contratadas pelos preços unitários e estes constituíram uma dança das mais malucas entre os três concorrentes.

Havia um pré-orçamento, sobre cujos valores deveriam girar as propostas. As firmas concorrentes, premidas pela falta de tempo, mandaram brasa e propuseram sem muitas considerações 10% abaixo do orçamento básico, de responsabilidade da Prefeitura.

Nós não entendemos e se alguém entender que se apresenta, a ginástica feita para distribuírem tantos preços e chegarem a um final feliz, com diferenças tão esta-pafúrdias.

Dissemos também que em havendo empate, vários fatores podem influir no julgamento. Mas, nunca jamais, em tempo algum poderia ficar de fora o fator **preço unitário**. Verifiquemos por-

que não poderia ser desprezado o fator mais importante.

Se contratássemos a construção de uma casa com **chave na mão** seria um contrato pelo preço global. Se a contratarmos, para os pagamentos serem efetuados pelas quantidades, como tijolos, azulejos, instalação elétrica por pontos de luz, concreto por metro cúbico, pintura por metro quadrado, etc. etc., então estaremos construindo uma casa pelos preços unitários.

Muito bem. A Prefeitura achou bom preço global, no valor de 178.212,128,85. Julgou a concorrência por esse preço e está pagando de acordo com o contrato, isto é pelas quantidades — preços unitários.

Dir-se-á. É assim mesmo que se faz, porque não se sabe nunca direitinho quantos metros disso e daquilo. Mas se for assim mesmo a fazer, está claro que os preços unitários são muito importantes e deveriam ser estudados, porque um preço muito alto para

certa quantidade de serviço que poderá ser maior e outro preço inferior para serviços talvez de menor peso no conjunto, poderão encobrir algo e

importar em graves prejuízos.

Verificando-se os preços unitários entre os concorrentes, em numerosos itens vamos encon-

trar diferenças tão grandes que não se justificam e seriam suficientes para a anulação da concorrência.

Aqui vão dados de três itens apenas:

Serviço	Preço da vencedora:	Preço da Perdedora:
Escavação, carga e descarga de terra	Cr\$ 11,45 - m3	Cr\$ 3,00 m3
asfalto	Cr\$ 520,00 m3	Cr\$ 300,00 m3
concreto	Cr\$ 54,00 m3	Cr\$ 30,00 m3

Somente esses três preços seriam suficientes para demonstrar a precariedade das peças que constituem a concorrência 66/73. E considere-se mais que hoje as diferenças são muito maiores em virtude das várias correções monetárias que quase dobram os preços.

É de registrar que Cr\$ 3,00 solicitados pela firma perdedora estavam coerentes com os da praça. Os do asfalto também.

Restou entre esses itens o preço do concreto, onde a firma vencedora apresentou preço muito abaixo da realidade. Os senhores engenheiros, construtores, mestres de obra, pedreiros e serventes, os comer-

ciantes de materiais de construção e mais aqueles que não entendem **bolufas** do ramo, deverão estar duvidando dessa afirmação. São mesmo Cr\$ 54,00 por m3 para o concreto que a firma vencedora calculou para construir os viadutos e obras de arte, talvez para compensar o preço altíssimo e absurdo da movimentação de terra. Afinal de contas porque se fazer uma coisa dessas e cobrar tanto no início das obras? Nada de mais dar uma ajudazinha à Prefeitura (tão mão aberta) e construir os viadutos a preços bem módicos, não é verdade?

Agora, quantos metros de terra foram removidos, quantos metros de asfalto foram ou

serão executados e quantos metros de concreto serão entregues, ninguém sabe e não saberá tão cedo.

Seria muito bom esclarecer o assunto e para acabar com tanta cantilena, que o Prefeito mandasse publicar tais fatos com tabelas demonstrativas dos serviços executados e a executar e quando, não se esquecendo naturalmente de estabelecer as diferenças de preços.

Quanto ao plano viário, por enquanto, temos dito.

Daí, quem sabe, poderíamos até tirar o time de campo.

Nota:
Estava o presente

artigo entregue, justificativa no JJ., da Comissão de Inquérito da Câmara sobre o Sistema Viário.

A posição da maioria da Comissão já era conhecida há algum tempo. Não houve surpresa. Apenas pedimos licença para registrar que tudo o que escrevemos nesta série está aí para ser contestado por quem de direito.

À Comissão nossos pêsames, não pelo que fez, mas pelo que deixou de fazer, isto é, apurar convenientemente os fatos, como tomar depoimentos das pessoas diretamente ligadas ao problema, e examinar documentos indispensáveis ao julgamento.

Se quiserem mais um dado, para não perderem o costume aqui vai. Examinem os preços do asfalto. Não precisa muito cálculo. Sabendo somar e multiplicar já dá. Verifiquem quanto a população de Jundiá vai pagar com a extensão da concorrência do plano viário no asfaltamento de toda a cidade e bairros.

Virgilio Torricelli

Resposta e não recuo

"A autoridade é um dom magnífico da Providência" (O. Salazar) ???

Em qualquer paróquia, mesmo nos mais distantes povoados, são discutidos aspectos referentes aos santos, a Cristo e ao Criador, e isso de forma alguma provoca repulsa ou estranheza.

"Acho que é mais urgente constituir amplas elites do que ensinar todo mundo a ler". (O. Salazar) ???

Nos pequenos bairros, mesmo de cidades distantes, é comum ver-se que o interesse esportivo, embora esteja orientado em boa parte para o clube local, onde a escalação, a sede, o juiz do último jogo, o truço, preenchem a maior parcela das preocupações, oriente-se também no sentido de críticas, debates, os mais acirrados sobre os clubes dos grandes centros, e mesmo com referência ao selecio-

nado nacional, cujos acertos e falhas são temas de sugestões e apoio. Nada havendo que restrinja ou bloqueie tal coisa.

"Não podemos aceitar que os trabalhadores pertençam a uma classe privilegiada". (O. Salazar) ???

Porém, quando num jornal de uma cidade de mais que médio porte se procuram abordar assuntos de interesses mais

amplos que preocupações de comandos, logo surgem comentários e acusações, mesmo que encobertos sob a forma de amigáveis conselhos, de se estar fazendo subversão.

Muito mais importante que futebol e religião é a Pátria, que não só é a união de todos mas também a soma dos resultados de todos. Que ninguém se negue a participar, pois a participação não necessita ser contrária e os que ape-

nas a vêem assim só podem ser tacanhos. Ela nada tem de subversiva. E a alienação é sempre vergonhosa e anti-patriótica.

Quanto maior for a consciência do povo do interesse nacional, maior a garantia que o pavilhão verde e amarelo seja festejado, aos 19 de novembro, com o seu céu estrelado, e não com uma suástica ou com uma foíce e um martelo.

Manter o Brasil "livre terra de

livres irmãos" é o dever que compreendemos ao contemplar a sagrada flâmula.

"Não! Não, homens cegos, não! Chamai o povo, interessai-o.

Fazei por ele e para ele a revolução. Ele defenderá a obra de suas mãos. Um povo que não quer ser conquistado jamais o é. Um povo que determinadamente quer ser livre, sempre o será". (Almeida Garret)

Wolf H. Nossak

Plantão

Antas travestidas de edis, na aprazível cidade de Itapetininga, resolveram fazer um pedido ao secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública de São Paulo: "proiba as delegacias de polícia e os plantões policiais de fornecerem indiscriminadamente" notícias à imprensa".

Tal como avestruz que, diante da aproximação do perigo, enterra a cabeça na areia, o vereador Hiran Aires Monteiro (MDB!) entende que essas notícias "só se prestam a difamações e são prejudiciais à cidade". Batendo palmas frenéticas e tecendo loas ao nobre edil, o requerimento foi aprovado pela Câmara Municipal de Itapetininga.

É o tal negócio: quando alguém se mete a falar sobre algum assunto que não entende, só pode sair besteira.

O senhor Monteiro merece ocupar esse espaço porque certamente haverão outras antas a pensar como ele. (Argh!)

O nobre representante do partido oposicionista deveria saber, como bem frisou o colega Wilson Cocchi, do *Diário da Noite*, que "o prejudicial à cidade são os fatos ruins que nela ocorrem e não devem — e não podem — ser escondidos de ninguém".

Se houver excesso do meio de informação, existe o remédio legal adequado (Código Penal), onde estão previstos os crimes de calúnia, injúria e difamação.

Elementar, Watson. Além disso, o infeliz edil precisa saber do seguinte: o secretário da Segurança Pública não pode proibir o fornecimento de notícias à imprensa. É que, meu caro Hiran, a Constituição Brasileira diz que é livre a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica, bem como — observe bem, Hiran, — a prestação de informação independentemente de censura".



Além disso, edil infeliz, existe a Carta de Direitos Humanos, da ONU (referendada pelo Brasil, sabia senhor emedebista?). Falando claro: o direito de informação é direito constitucional e universal.

Portanto, como diria ainda o colega Cocchi, "não será um requerimento que depõe contra os que o aprovaram que irá impedir esse direito".

Aliás, conversando há poucos dias com o secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, ouvi dele o seguinte: "Polícia e imprensa são o alicerce de toda sociedade". E mais:

—A Pasta (da Segurança) agradece a colaboração prestada por todos órgãos da imprensa, em particular a crítica em seus desacertos (...). Há que distinguir o policial de toda Polícia; esta é essencialmente de bons policiais, devota servidora da paz e da tranquilidade pública, última sentinela e baluarte da população sofrida. A Polícia não é algoz do povo.

E, de acordo com as palavras do coronel Erasmo, "a imprensa é a voz da população; a imprensa deve ser o arauto da Verdade e da Justiça".

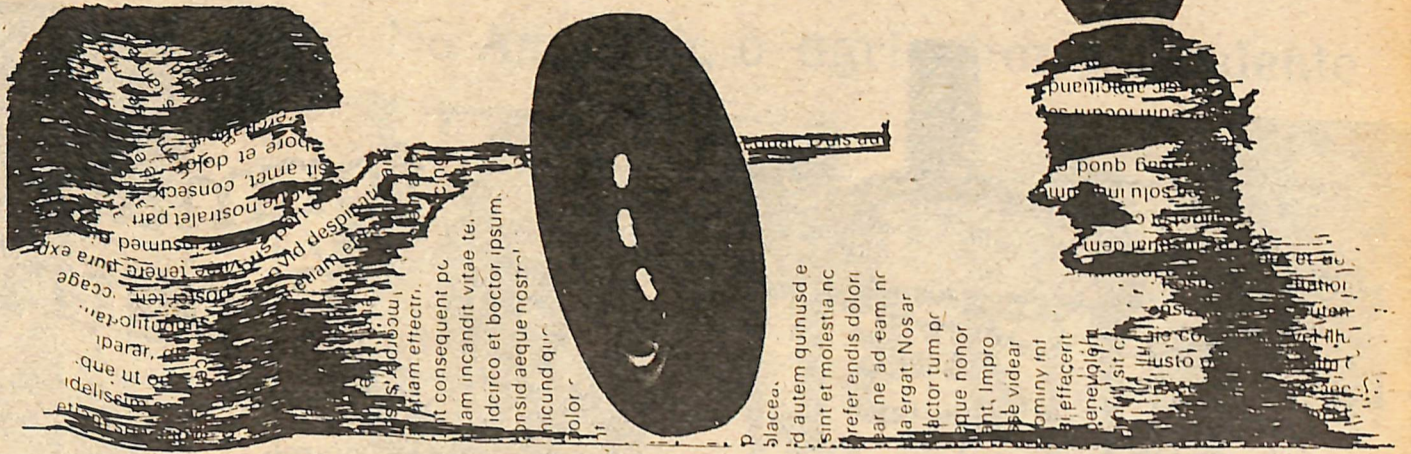
E agora, Hiran? Dito isso, deve ser muito engraçado o momento em que chegar às mãos do secretário da Segurança esse requerimento idiota, encaminhado pelos vereadores de Itapetininga.

O requerimento é um atestado público de incompetência. Demonstra claramente que seu idealizador e apoiadores nada entendem de leis, nada entendem de moral, nada entendem de criminalidade, nada entendem de difamações, não entendem de segurança pública. E, repito, quando alguém se mete a falar sobre algum assunto que não entende... só pode sair besteira!

Uma informação aos nobres edis da referida aprazível cidade: os meios de comunicação divulgam o que a sociedade produz. No caso, se o que a sociedade local produz deixa a desejar, vocês devem se empenhar em eliminar as causas.

Lamentável, senhores, são alguns fatos. E vocês, pelo jeito, estão lamentando apenas a divulgação desses fatos.

Percival de Souza



Um crime, um acidente

Pergunta o colunista Leme do Prado, indignadamente, no *Jornal de Jundiá*, porque o mundo se levantou em protesto contra o fuzilamento de cinco separatistas bascos pelo governo espanhol, e nenhuma organização mundial se levantou para protestar contra a morte de cinco crianças atropeladas em Vila Hortolândia.

talvez seja difícil explicar que tortuoso raciocínio pode conduzir a tal tipo de comparação, mas a resposta á duvida do sr. Prado é muito simples. O protesto nasce da diferença que existe entre um acidente e um crime. Um crime de razões políticas, premeditado, por um aparelho estatal, oficializado e sacramentado por leis de retaliação política. É por isso que o mundo protestou contra o fuzilamento, e não contra o atropelamento. Como não protestou contra o incêndio do Joelma, como não protesta quando os aviões caem, como não protesta contra os enfartes, as tromboses, as enchentes e os tornados, sr. Prado. Mas protesta contra os crimes.

MAUS DIAS PARA O IBIS

É bem capaz de o Ibis não entrar na disputa de 76. Seu prestígio está baixo, atravessa muitas dificuldades. E não tem muita torcida a apoiá-lo. Aliás, nunca teve.

Os jornais de Recife nos dão conta da precária situação desse tradicional time de futebol da cidade. É uma pena — logo agora que Santa Cruz, Náutico e Sport estão fazendo tão bonito no Campeonato Brasileiro. Uma pena mesmo.

AUMENTO? DESISTO

Eu estava até disposto a pedir aumento de salário, levando em conta o aumento da taxa de produtividade, mais o residuo inflacionário, mais as contas a pagar, etc. Mas quando fiquei sabendo que afinal de contas meu salário evolui

$W_n = 0,5 (W_{n-1} + W_{n-2}) \frac{1+M+0,5 T_n}{1+0,5 Q_n}$ — só podia desistir. Não seria justo.

A PROPÓSITO DO SIONISMO

"... Outrora, censurava-lhe a raça, agora, consideram-no como dependente de um país estrangeiro; nada tem a fazer entre nós, que vá pois para Jerusalém. Assim, a autenticidade, quando conduz ao sionismo, é prejudicial aos judeus que querem permanecer em suas pátrias originais, porque proporciona argumentos ao anti-semita. O judeu francês irrita-se com o sionista que vem complicar mais ainda uma situação tão delicada e o sionista agasta-se com o judeu francês acusando-o a priori de inautenticidade. Assim, a escolha da autenticidade surge como uma determinação moral que traz ao judeu uma certeza no plano ético, mas não poderia servir de nenhum modo de solução no plano social e político: a situação do judeu é tal que tudo quanto faz se volta contra ele" (Jean - Paul Sartre, "Reflexões sobre o Racismo")

Sandro Vaia

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PECAS DE DECORAÇÃO
PARA
TUDO PINTURA
E DESENHO
R. S. 560
fone. 4 3187

NATAL
COLORIDO
SILVATEX
BARÃO, 919
ELEFONE
67178

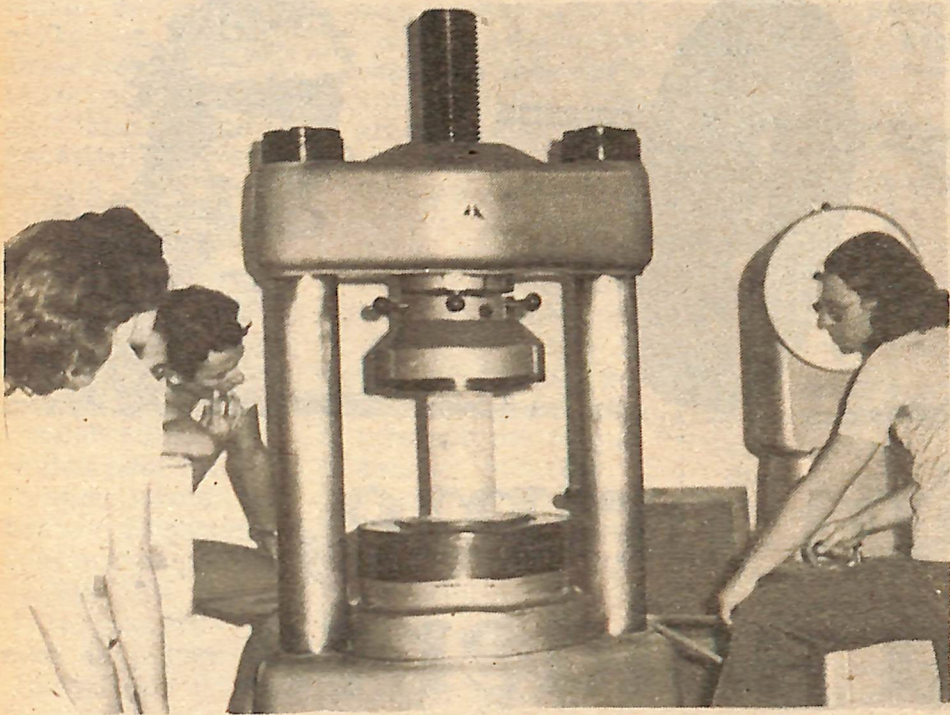
BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXERCITO
GROEX
GREMIO REPRESENTANTE LOCAL
BENEDICTO ARAÚJO
TENENTE R-1
RUA PIRAPORA, 410
TELEFONE: 6-7363



Cursos Profissionalizante

Aproximando-se o fim do ano, esta é a época em que muitos dos jovens e seus pais, estão preocupados com os cursos que poderão ser procurados. Em sequência às reportagens do último número (GEVA e Divina Providência) estamos apresentando

Um centro regional de formação, o Colégio Técnico é patrimônio de Jundiá



A prensa de ruptura de corpos de prova de concreto é uma das principais peças do laboratório de ensaios de materiais. Além da função didática, essa máquina presta serviços à todas as construtoras da região.

Em 10 mil metros quadrados de área construída dentro de outros 200 mil de área verde, o Colégio Técnico de Jundiá está instalado no km 53 da via Anhanguera. Com 18 salas comuns e especiais, abriga atualmente 1.310 alunos, provenientes de muitas e distantes cidades do interior paulista.

Projetando-se atualmente como um centro regional de formação de técnicos para a indústria de construção civil, quando iniciou suas

atividades em 1966, atendia apenas à comunidade jundiáense.

O Colégio forma técnicos em nível médio, dentro das exigências da indústria, que se ressentem da falta do profissional entre o engenheiro ou arquiteto e o operário executor.

Os cursos em funcionamento são de Técnicos em Agrimensura, em Edificações, em Estradas e em Saneamento. Apenas os dois primeiros funcionam

nos períodos diurno e noturno, e os outros, no diurno.

O técnico em Agrimensura conduz os trabalhos topográficos aplicados à Engenharia, Arquitetura e Agronomia, liderando as equipes para a realização desses serviços; executa nivelamentos e levantamentos topográficos e cadastrais; auxilia os engenheiros nas repartições públicas; faz desenhos topográficos; trabalha como operador de campo e faz os diversos cálculos necessários.

Para isso, o aluno estuda Mecânica, Desenho Técnico, Topografia, Urbanização de Glebas, Edafologia (estudo dos problemas do solo), Desenho Topográfico, Astronomia de Campo, Traçado de Estradas, Desenho Topográfico e Cartográfico, Hidrologia, Direito e Legislação de Terras, Avaliação de Terras e

Organização do Trabalho.

As funções do técnico em Edificações prendem-se em auxiliar o engenheiro na execução de projetos de estruturas, processos de concretagem, instalações hidráulicas, análise e seleção de materiais; acompanhar a execução de obras; fiscalizar a implantação de projeto; supervisionar o pessoal sob sua jurisdição.

Os conhecimentos específicos necessários para a eficiência em seu trabalho são adquiridos através do estudo de Mecânica, Desenho Técnico, Topografia, Instalações Hidráulicas, Construção de Edifícios, Desenho Arquitetônico, Mecânica de Solos, Materiais de Construção, História das Edificações, Instalações Elétricas e Hidráulicas, Cronologia e Orçamento, Higiene Industrial e Segurança do Trabalho, Estabilidade, Direito Aplicado e Resistência dos Materiais.

O técnico em Edificações pode trabalhar em empresas de construção civil, escritórios de engenharia de projetos, serviços públicos e indústrias ligadas à produção de material de construção.

Auxiliando o engenheiro na fiscalização, conservação e segurança do tráfego nas rodovias, fazendo levantamentos topográficos e cadastrais e o controle tecnológico do pavimento, elaborando planos para a manutenção do equipamento nos serviços de terraplenagem e pavimentação e projetos de estradas, o técnico

em Estradas trabalha nos serviços públicos, autarquias e nas empresas de construção e conservação de estradas.

As condições para isso são dadas através das aulas de Mecânica, Desenho Técnico, Topografia, Geologia, Resistência dos Materiais, Desenho Topográfico, Traçado de Estradas, Materiais de Construção, Materiais e Equipamentos, Pavimentação, Organização do Trabalho, Cronograma e Orçamento, Higiene Industrial e Segurança do Trabalho.

O técnico em Saneamento auxilia o engenheiro, educador e o médico sanitário nos projetos de saneamento e urbanização; realiza estudos de higiene ambiental e saúde pública; supervisiona a instalação dos serviços de abastecimento de água, perfuração de poços artesianos e rede de esgotos; fiscaliza a construção e urbanização em todos os níveis de salubridade.

Essas atividades são exercidas em repartições federais, estaduais e municipais, em empresas de construção e de urbanização, na instalação de redes de abastecimento de águas e nos projetos de saneamento.

As matérias do currículo profissionalizante são Mecânica, Desenho Técnico, Topografia, Instalações Hidráulicas, Materiais e Equipamentos, Desenho Arquitetônico, Mecânica dos Solos, Química Sanitária, Sistemas de Águas, Bacteriologia Sanitária,



Os alunos não precisam buscar refeições fora. O refeitório resolve o problema alimentar, sem que os alunos tenham que vir a cidade.

es: as opções da cidade

nesto, dois colégios profissionalizantes de Jundiá. É intenção do Jornal de 2ª prosseguir com este assunto, fornecendo aos jundiáenses uma amostragem de quais os recursos de educação e formação que a nossa cidade pode oferecer à juventude.

de Técnico Jundiá

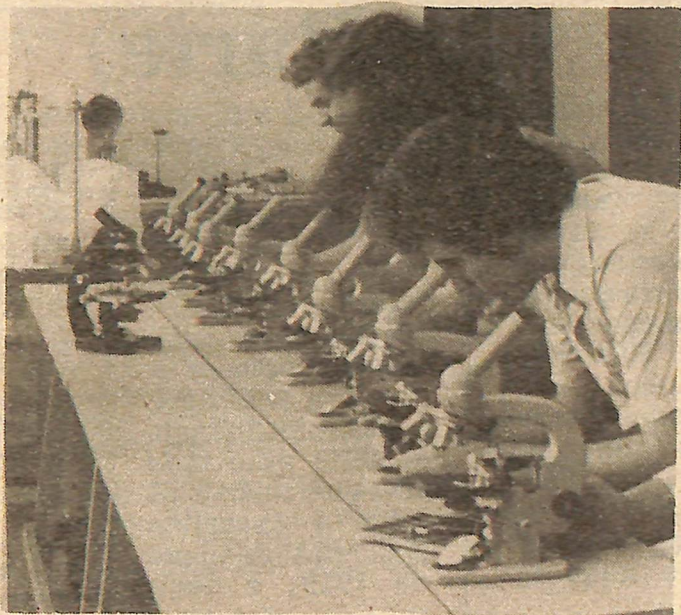
quinas e Equipamentos, Materiais de Construção, Organização e Normas, Higiene Industrial e Segurança do Trabalho, Ensino Aplicado e Industrial.

em das matérias específicas de cada curso há as comuns ao ensino de 2º grau, incluem Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Matemática, Educação Física, Geografia, História, Álgebra, Física, etc.

Colégio Técnico oferece a seus alunos educação, alimentação a preço de custo e todas as condições necessárias para que o aprendizado se processe de maneira mais dinâmica e completa possível. Os três primeiros cursos, a escola fornece certificado de 2º grau e assim que é o estágio de um curso, o estudante recebe o diploma de Técnico na respectiva especialidade.

Para o próximo ano a direção pretende abrir inscrições para 300 novos alunos nos seus vários cursos. Para um tão grande número, o diretor - João Augusto Oliveira, do Conselho Técnico Administrativo, que é presidente do Conselho Jorge Cloete Neto, estão procurando superar as dificuldades, que na área de educação, atualmente não são pou-

dos os formados do Colégio Técnico tiveram oportunidade de comprovar sua eficiência praticamente em todo o País. Por esse renome



Os equipamentos dos laboratórios permitem estudos e pesquisas simultâneas de muitos alunos.

criado, a escola já faz parte da cidade, que a tem como uma tradição no bom ensino, devendo ser o desejo de todos que cada vez mais se amplie e aprimore, para benefício dos jovens daqui e toda a região.

★ Os estudantes dos cursos diurnos gostam da permanência na escola, o que é possibilitado pelo refeitório que existe no local. Sem ter que sair para o almoço, eles podem ficar todo o dia, mesmo sem aulas, para as consultas à biblioteca, para o uso de laboratórios, etc.

★ O maior atrativo entretanto, são as aulas práticas. Em agrimensura os estudantes executam muitos trabalhos de campo, usando níveis, teodolitos, e todos os demais instrumentos necessários. Em edificações, fazem estruturas em concreto, paredes de alvenaria, revestimentos, etc.

★ Os alunos noturnos tem suas aulas práticas aos sábados. Apesar de serem inteiramente tomados para seus exercícios práticos, eles sentem que tais aulas deveriam ser aumentadas, ou melhor aproveitadas. Mesmo assim, percebe-se que o rendimento geral é bom.

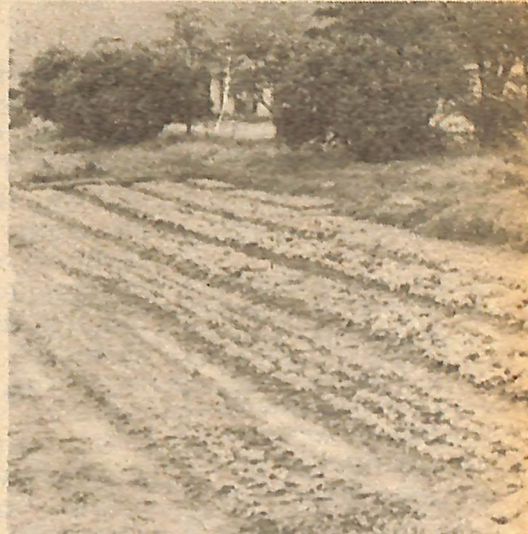
★ A formação profissionalizante como ali é ensinada, faz com que o Colégio tenha aspectos que são típicos de escolas superiores. De fato, os critérios de ensino permitem liberdade de trabalho, mas a responsabilidade dos alunos estão implícitas em todas as tarefas. Talvez seja este procedimento o responsável pelo maior amadurecimento dos estudantes da escola, se comparada com outras.

★ A despeito da rigorosa formação profissionalizante, os alunos dos cursos diurnos são unânimes em afirmar que as matérias Física e Matemática são as mais rigorosas da cidade.

No Agrícola, o agricultor polivalente



Na sala de Economia Doméstica, os equipamentos necessários.



Este é um dos projetos em execução no colégio

O Colégio Técnico Agrícola de Jundiá, cujas novas instalações estão sendo construídas, tem atualmente 151 alunos no curso de Agropecuária 27 no de Economia Doméstica. Para o ano que vem, as inscrições ao primeiro praticamente preenchem as vagas existentes, mas para o outro, há apenas 14, sendo a capacidade de 30.

O curso de Agropecuária prepara técnicos habilitados a preparação do solo, o tipo de semente e adubo ideais, a época correta do plantio e todas as fases necessárias até a venda ao consumidor de produtos agrícolas. Além disso, os alunos aprendem as técnicas da pecuária, com a criação de aves, suínos e bovinos.

Os próprios alunos cuidam de todos os detalhes necessários para a produção dentro dos 30 mil metros quadrados do colégio e os diversos setores são chamados de projetos. Estes, tem a finalidade de tornar a escola, pelo menos, autossuficiente na alimentação de todos que lá permanecem.

Para um melhor controle da produção existe uma cooperativa, administrada pelos estudantes, que cuida do abastecimento do refeitório, o fornecimento ao mercado e o que vai ser empregado na alimentação dos animais.

A filosofia de ensino do Colégio Agrícola é denominada "Sistema Escola-Fazenda", que começa com a divisão dos alunos em grupos. Eles seguem para o Laboratório de Prática e Produção (LPP), no campo.

Lá são aplicados todos os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas. O que é produzido vai para a Cooperativa Escolar, que fornece créditos aos grupos correspondentes a suas produções e as horas trabalhadas.

Com esses créditos, são retiradas sementes, adubos e o empréstimo de máquinas. Daí começa o Programa Agrícola Orientado (PAO), num terreno de iguais proporções ao LPP. Tudo o que for produzido vai à cooperativa, que se encarrega das vendas externas, cuja renda é dividida entre os alunos do grupo.

Para não naver uma paralisação no uso das terras, o PAO e o LPP são realizados simultaneamente pelo grupo, que é dividido em duas equipes. Com isso, o aluno aprende a trabalhar com a terra e a ganhar dinheiro, que será sempre proporcional a seu real aproveitamento das aulas.

O objetivo dessa filosofia de ensino é formar o agricultor independente Polivalente, pre-

parado para cuidar de propriedades com cultura mista. Como é preocupação a formação de técnicos para o atendimento das necessidades regionais, somente o que for ideal para esta região em termos de agricultura é que se ensina.

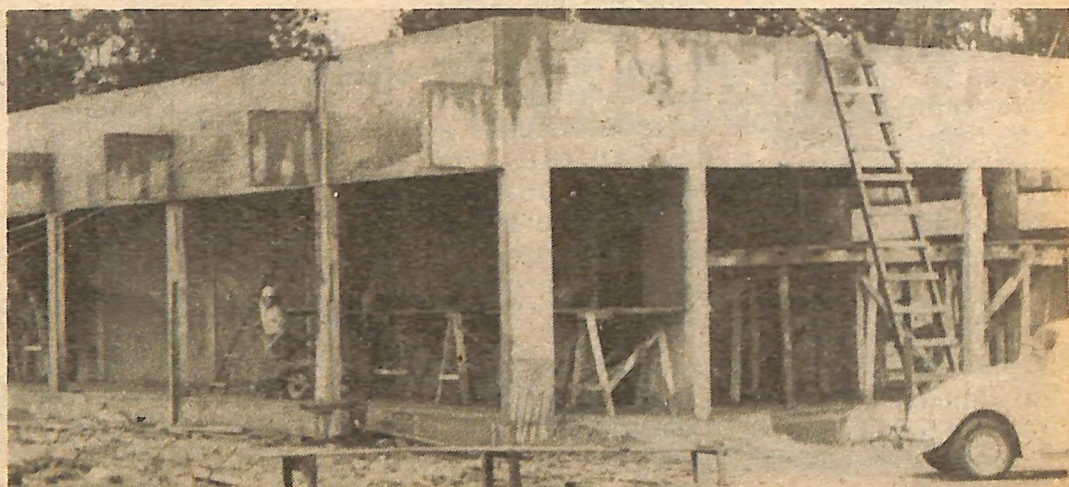
Os alunos do curso de Agropecuária tem aulas de Agricultura, Horticultura, Economia Rural, Industrialização Agropecuária e Engenharia Rural.

ECONOMIA DOMÉSTICA

Destinado a moças, o curso de Economia Doméstica vem sofrendo pela falta de alunas. Neste ano não foi possível a formação de uma classe de primeira série e para o próximo há o perigo de acontecer o mesmo, pois com somente 14 inscrições, o curso fica caro demais.

As alunas aprendem Alimentação e Nutrição, Administração do Lar, Vestuário e Higiene. Com isso, podem prestar serviços a entidades assistenciais, escolas, indústrias e, caso não trabalhem, o curso é de extrema valia na vida cotidiana.

Os estudos no Colégio Agrícola são feitos em regime de internato e semi-internato para o curso de Agropecuária e apenas externato ao de Economia Doméstica.



Após a paralisação, as obras do novo prédio continuaram.



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(10ª Parte)

Passemos, agora, ao relato da campanha do Paulista F.C. rumo ao título de campeão do Estado de São Paulo.

Era regulamento da A.P.E.A. que o campeão do interior disputasse com o campeão da Capital a hegemonia do futebol no Estado. Essa partida que o Paulista teve que disputar com o C.A. Paulistano, no campo da Ponte Grande, em São Paulo, foi das mais dramáticas, pois o Paulistano era a glória e a honra do futebol brasileiro naquele distante 1.920. Ao vencedor seria conferida a posse da Taça Competência, que, como o seu próprio nome indicava, pertenceria ao melhor e mais competente conjunto futebolístico de todo o Estado de São Paulo.

Depois de um jogo em que os tricolores brilharam espetacularmente, demonstrando possuir um quadro do mesmo valor do famoso Paulistano, o placard acusou o resultado favorável ao clube da Capital por 5 tentos contra 4, com o gol da vitória sendo marcado por Friedereich - visivelmente com as mãos. Compensou-se, porém, o Paulista, quando os jornais do dia seguinte tributaram-lhe rasgados elogios, chegando mesmo um deles a declarar que a taça ficara com o Paulistano mas a competência ficava com o clube de Jundiaí. Um vespertino do Rio de Janeiro, comentando o jogo, assim se referiu aos jundiaenses:

“O trio atacante do Paulista F.C. de Jundiaí não é só um trio de ouro, mas um trio de brilhantes, que poderia sem nenhum favor fazer parte de qualquer um dos quadros da Capital Federal”.

O primeiro grande obstáculo pelo qual o Paulista passou para conseguir o cobiçado título foi o Corinthians Jundiaense, o seu maior e mais temido adversário.

Esse jogo se realizou no campo do Corinthians, em Vila Árens, e a vitória coube ao tricolor. Para se ter uma idéia da importância em que era tido um jogo entre os dois quadros jundiaenses, daremos a seguir alguns pormenores:

Para assistir esse jogo vieram de São Paulo o dr. Edgar Nobre de Campos, presidente honorário da A.P.E.A., os representantes dos jornais “A Platóia”, “Flâmula”, “Diário Popular”, “O Comércio”, “O Estado de São Paulo”, “A Gazeta”, “O Comércio”, de Campinas, e o “Jornal do Comércio”. Também aqui esteve o professor Leopoldo Sant’Ana, que analisava a atuação dos árbitros, além de centenas de outras pessoas vindas das cidades vizinhas e da Capital. Um reforço policial veio de São Paulo especialmente para esse encontro.

O jogo transcorreu acirrado, disputado em clima de grande nervosismo, tanto que

em certo momento o comandante dos milicianos deu ordem para calar baionetas, temendo uma invasão do campo.

O Paulista recebeu muitas felicitações pela conquista do título.

Dezenas de cartas, telegramas e cartões vieram das cidades do interior, tais como Rio Claro, Campinas, Bauru, Barretos, São José dos Campos, Pântano e Caçapava. Todos os clubes que compunham a Primeira Divisão (Paulistano, Palestra Itália, Corinthians, Internacional, Sirio, Mackenzie e Ipiranga) enviaram congratulações ao novo Campeão do Interior.

Jogos amistosos - O Campeonato do Interior repercutiu de forma tão extraordinária, que o conceito do Paulista cresceu e se propagou tanto que o clube passou a gozar de um prestígio jamais experimentado por outras agremiações esportivas congêneres.

Dos jogos realizados amistosamente pelo Paulista, após a conquista do título, vale destacar: com o Corinthians Paulista, em São Paulo; com o Santos F.C., na cidade de Santos; com o Bragança F.C., em Bragança Paulista. Fez também o Paulista uma série de jogos pelas cidades do interior paulista, apresentando-se em Mogi Mirim dia 31 de outubro quando venceu a equipe local por 4 a 0; em Espírito Santo do Pinhal,

em 1º de novembro, quando venceu por 4 a 1; em São Manoel, nessa mesma semana, onde conseguiu uma vitória por 6 a 5; finalmente, em Lençóis Paulista, onde ganhou por 3 a 0. Todas essas partidas, disputadas em oito dias, dão uma noção do valor do clube jundiaense naquela época.

Por falta de datas disponíveis, diversos jogos não puderam ser realizados. Entre os convites recusados pelo Paulista, por esse motivo, estavam os formulados pelas equipes de Botucatu, Campinas, Bragança Paulista e Amparo, além de diversas outras da Primeira Divisão da A.P.E.A.

Um questionário da “A Gazeta” - Em 29 de março, a diretoria do Paulista, respondendo a um questionário desse conhecido jornal de esportes da Capital, prestava os seguintes informes: que o clube tinha naquela ocasião 720 sócios, sendo 12 honorários; que a sua sede social estava instalada à rua do Rosário, 73 (onde hoje está situado o Edifício Rosário); que já tinham sido conquistados pelo clube os seguintes troféus: “Taça América”, em 12 de janeiro de 1919; resultante de sua vitória sobre a A.A. Guaianazes de São Paulo, por 3 a 0; um bronze ganho em 9 de junho de 1919 pela vitória sobre o E.C. Internacional por 4 a 0; uma taça ganha em 16 de março de 1919 por vencer o Corinthians Jundiaense pelo pla-

card de 2 a 0; um bronze conquistado em 23 de março de 1919, quando venceu o E.C. Sirio por 7 a 0; a Taça “Rappa & Cia.”, conquistada quando venceu o Palestra Itália por 2 a 1, em 18 de maio de 1919; uma taça pela vitória de 5 a 1 sobre o Antartica F.C. em 15 de junho de 1919; a taça “Torre Eifel”, ganha em São Paulo, ao vencer o E.C. Sirio por 2 a 1, em 4 de junho de 1919; uma taça pela vitória sobre o A.A. Mackenzie por 4 a 0, através de seu 2º quadro, em 27 de junho de 1919; bronze ganho em 17 de novembro de 1919, ao vencer o quadro dos Juizes Oficiais por 2 a 0; taça conquistada em 28 de setembro de 1919, quando venceu a A.A.

Colombo por 6 a 1; “Taça Amizade”, conquistada em 8 de fevereiro de 1920, ao vencer o C.A. Amparo por 2 a 0.

Cooperação - A boa amizade que deve existir entre os clubes de futebol, com auxílios recíprocos, ainda não estava disvirtuada naqueles tempos. Fora do campo de futebol, um clube prestava todo o apoio que lhe era possível a um outro co-irmão, não descuidando-se, também, das boas normas sociais.

Já nos referimos ao Campeonato do Interior do ano de 1919, quando no jogo com o Corinthians Jundiaense ocorreu enorme exaltação de ânimos, obrigando até a polícia a calar suas baionetas.

Pois bem, isto foi só na hora do jogo, eis que sempre foi norma de um e de outro clube, sempre que realizavam jogos amistosos, dirigir à diretoria do clube concorrente um convite especial para que fosse assistir ao jogo programado.

Um outro clube com o qual o Paulista tinha grande rivalidade era o Comercial de Ribeirão Preto.

Isto, no entanto, não impedia que este último enviasse congratulações ao clube jundiaense pelo levantamento do Campeonato. Quando esse mesmo Comercial começou a reformar sua praça de esportes, enviou ao Paulista um talão com 100 números de rifa em benefício daquelas obras.

A diretoria do Clube jundiaense ficou com o talão, enviando ao clube riberopretano a importância equivalente.

Termina neste ponto a descrição dos fatos mais importantes da vida do Paulista F.C. no distante ano de 1920. Passaremos a contar, a partir do próximo capítulo, os feitos do tricolor no ano de 1921, quando sua diretoria estava assim constituída: presidente, dr. Osório Alves Cardoso; vice-presidente, Francisco Pereira de Castro; 1º tesoureiro, Amadeu Guerrazi; 2º tesoureiro, Acácio Simões; 1º secretário, Guilherme Aranha; e 2º secretário, Alvaro Penteador de Castro.

Matos, 16 anos depois

Huber Matos. Quem se recorda desse nome? Nem mesmo muitos que acompanharam a revolução cubana conservam a lembrança de um dos maiores heróis daquele movimento, caído em desgraça pouco tempo depois, quando a ilha do Caribe mergulhou no bolchevismo.

Matos, que agora cumpre o 16º ano de sua condenação de 20 anos, teve seu nome reaparecido na imprensa na semana passada, quando se divulgou uma carta que enviou do cárcere à sua família.

Afirmando parecer mais velho do que os 56 anos que tem, Huber Matos diz ter um pressentimento - "não, algo mais que um pressentimento, estou praticamente convencido" - de que passará o resto de seus dias na prisão. Essa opinião - diz num trecho seguinte de sua carta - é acompanhada por todos os outros prisioneiros políticos que igual a ele, baseiam-se na experiência que têm sobre o regime cubano.

Ex-capitão-chefe da Coluna 9, ex-major de Sierra Maestra e ex-comandante do campo militar de Columbia e da Província de Camaguey, Huber Matos desgraçou-se quando a revolução cubana desviou-se de seus objetivos, tendendo pela sovietação.

Com ele, caiu também outro dos grandes heróis do movimento que derrubou Batista, o comandante Camilo Cienfuegos. Só que este, desaparecido num suposto acidente aéreo, não sofreu a mesma retaliação pública.

Ser visto como inimigo do povo é até hoje - como afirmou em sua recente carta - uma das maiores tristezas de Matos. Ele foi condenado como traidor da revolução num processo político

instalado porque divergia da comunização do país. Na sala de audiências do Tribunal, onde Matos sempre entrava sob os aplausos do público, ele pronunciou estas palavras ao conhecer a sua sentença:

"Como democrata respeito o direito dos comunistas de organizar seu partido político, mas não acredito que devem participar de cargos de governo, porque, neste caso, colocam em perigo o país.

"Creio que não cometi traição, nem deserção. Se me levam a um pelotão de fuzilamento, convidado os senhores para assistirem à execução, para ver como um Major da Sierra Maestra sabe morrer de cabeça erguida, enfrentando seus executores".

Matos, como um grande número de presos políticos cubanos, encontra-se num cárcere do Príncipe, um presidio que, a exemplo de todos os outros da ilha, acha-se minado para ir aos ares em caso de guerra civil.

Sua carta, publicada segunda-feira pelo **New York Times** e reproduzida depois na imprensa de outros países, coincide com a moção que os Estados Unidos apresentaram na ONU, pedindo a libertação internacional dos presos políticos que se opuseram pacificamente aos seus governos.

Há alguma esperança de que muitas das nações aprovelem essa proposta e até a transformem em recomendação, mas Huber Matos é cético quando afirma que ele e seus companheiros acham-se em prisão perpétua:

"O critério de vocês baseia-se em premissas lógicas, mas no caso específico de Cuba elas não são válidas".

O circo pegou fogo

O circo da Fórmula 1 pegou fogo. Mas com ou sem fogo, continuará a ser circo de muitos astros, de muitos palhaços e de muitas pilantras. A revista italiana **Autosprint**, antes do Grande Premio dos Estados Unidos, noticiava a possibilidade da Ferrari não embarcar seus carros para a prova final do campeonato mundial. O motivo: "L'Argeant, Toujours 'Largeant". Ao que dizia o noticiário, Bernie Ecclestone, o dono da Brabham e Presidente da Associação dos Construtores de Fórmula Um, ainda não havia acertado as contas do ano de 1974. E a Ferrari taxativa. "Tutu" antes do embarque. E ao que parece a situação se resolveu assim.

Mas o pior para os pilotos de Fórmula 1 aconteceu depois na corrida de encerramento. Os organizadores do Grande Prêmio do Canadá - suspenso pela Associação de Construtores - propuseram Ação contra estes, pleiteando ressarcimento dos prejuízos decorrentes do cancelamento. E penhoraram a renda do Grande Prêmio dos Estados Unidos e outros rendimentos auferidos pela Associação. Esta, orientada pelo sinistro baixinho Bernie Ecclestone decidiu não pagar os prêmios dos pilotos, alegando dificuldades com a penhora da "Bolsa" dos Estados Unidos. Foi lenha na fogueira.

Logo depois, em Paris, nas Comissões competentes, a F.I.A. (Federation Internationale D'Automobile), examinou a proposta-exigência da Associação dos construtores. Pretendiam eles, para as provas de 1976, nada menos que US\$ 350.000 por corrida, além de US\$ 1 (um dólar) por espectador. Pasmem, mas é a verdade. É o preço do circo.

Enquanto isso, como a justificar as vultuosas importâncias, o anuncio de novos carros, feitos pelos construtores italianos, franceses, ingleses, americanos, sem contar o nosso novo Copersucar/Fittipaldi.

A Ferrari anunciou um carro menor no comprimento e na largura, com um motor com

mais 15 HP, tomadas de ar na frente do habitáculo do piloto e um sensacional e antigo De Dion na traseira.

A Tyrrel, com o projeto 34, mostrou o mais espetacular. Um carro com 6 rodas - quatro dianteiras com apenas 10" de diâmetro - que já está assustando a concorrência. Poucos dias atrás, nos testes no circuito francês de Paul Ricard, o único que conseguiu fazer tempo melhor que o Tyrrel novo foi o Emerson, mas assim mesmo bateu e quebrou um dedo.

A Lotus, no ultimo grito, apresentou um novo carro com revolucionário sistema de suspensão, onde os "pick-up points" são nas pinças enormes de freio. Como sempre os pilotos já começaram a reclamar da fragilidade dos componentes mecânicos do carro.

A Brabham mostrou na pista de Balocco, na Itália, o novo carro italo-ingles. Um chassis Brabham com motor "boxer" Alfa Romeo, 12 cilindros. O Moco apresentou o carro, sob os olhares ciumentos do Carlos Reutman, conforme contou-me o Paulo Gomes que assistiu à apresentação.

Da França, o projeto do Ligier, apresentado também nestes dias. Um motor Matra 12 cilindros, recusado pelo Uop-Shadow, está sendo reaproveitado. Com esse motor a Matra ganhou em 1974 o Campeonato Mundial de Marcas, disputado com carros esporte.

Ainda da Inglaterra, o carro de Graham Hill que será pilotado por Tony Brise. Derivado da Lola, agora bem mais baixo e mais leve.

E o nosso Copersucar com as alterações determinadas pela experiência da temporada que terminou. Fugindo das soluções revolucionárias apresentadas no lançamento do carro. Aproximando-se agora do "kitão" Fórmula-Um.

A única novidade da Shadow foi a perda do já tradicional patrocinador "UOP". Caminharam juntos na Fórmula Um, Can-Am e Fórmula 5.000.

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICINIOS EM GERAL

ATACADO E VAREJO

nerly aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n. 282 fone 6-7521

DOCEIRA JUNDIAÍ Ltda



DISTRIBUIDORA DE:
doce

balas

chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO
DO **PANETONE 900**
RUA DR. TORRES NEVES, 292 - FONE 6.7400
O TELEFONE **DOCE** DA CIDADE

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

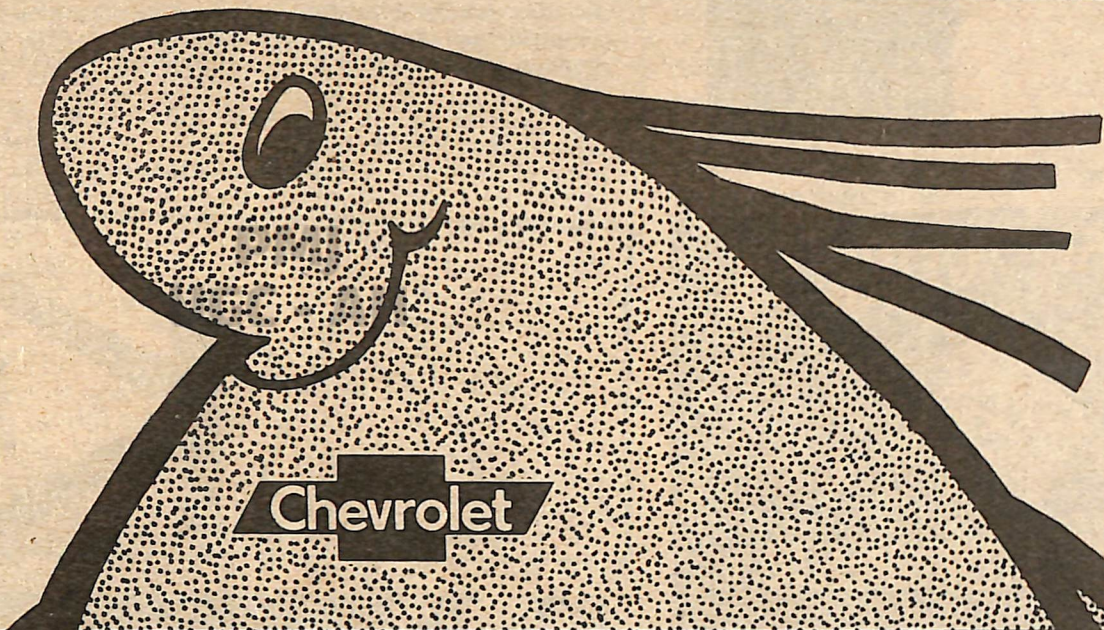
R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460



Entre a felicidade

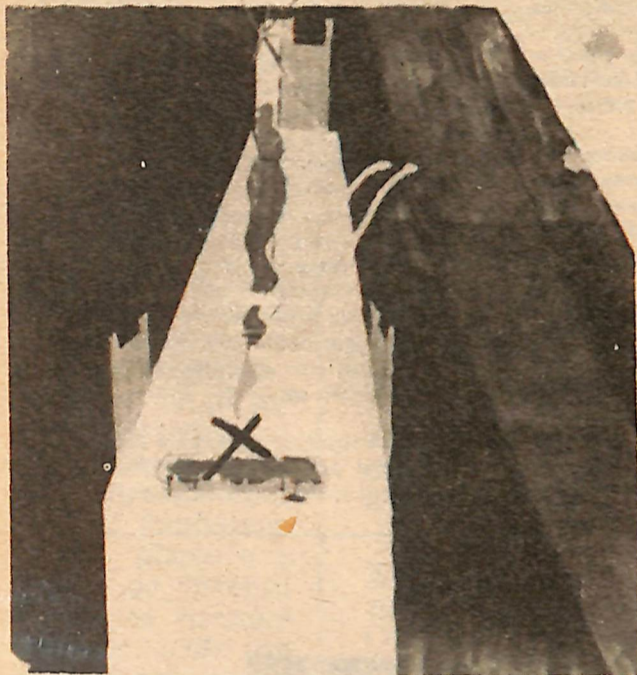
de possuir um Chevrolet e o
ótimo atendimento Luchini,
fique com os dois. **Luchini**

R. BARÃO DE TEFFE, 700 - FONES 4 0277 E 6 1277
R. VIGÁRIO J.J. RODRIGUES, 992 - FONES 6 6421 E 4 3165

*STUDIO DECIO

Regina, o GEVA e a arte

As aulas de Regina Toledo Risi são uma bagunça organizada. Seus alunos — os que estudam e os que já estudaram — sabem que isso é verdade. Mas, confirmam eles próprios que é através das aulas de Artes Plásticas — onde pintam e bordam — que aprendem a se desinibirem quando estão com um lápis ou pincel à mão.



Um prêmio para um estranho banquete.

Regina promoveu um Concurso e é dele que vamos falar. Antes iremos apresentá-la.

Depois que ela terminou de fazer o 1º e 2º graus e o Normal no Instituto, concluiu em São Paulo o IAD — Instituto de Artes e Decoração e, em seguida, formou-se em Desenho e Artes Plásticas. Logo que o Geva implantou o método pluricurricular — há oito anos — Regina começou a lecionar Artes Plásticas. E até hoje está naquele colégio para (por incrível que possa parecer) alegria dos alunos. É só ela entrar na sala de aula todos se levantam, batem palmas, gritam, começam a conversar e arrastar cadeiras. Tiram os grafites, os pincéis, derramam tintas. Em compensação, ao término da aula, começam a aparecer desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e quadros, frutos de poucos minutos de dedicação e amor por aquilo que se faz.

Daqui a instantes, a gente comenta a respeito do Concurso.

Regina leciona para a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries. Os alunos da 5ª série ficam, no início do ano, um pouco espantados quando deparam com a liberdade que lhes é concedida, e que não conheciam no primário. Mas, logo se abrem totalmente e querem fazer todo tipo de desenho: aquele que ele pensou, o do seu colega que senta à sua frente, aquele que senta atrás, e também dos dois lados, além do desenho do último da fila. Desenha, levanta, pergunta se está bom, critica o desenho do colega, senta, levanta, corre para a professora e volta. E desenha, desenha. No segundo semestre, é surpreendente o que eles gostam da matéria e o que produzem. Comenta Regina que "satisfação para o professor é quando entramos numa sala para lecionar a última aula, numa sexta-feira, quando todos já estão cansados, e somos recebidos com alegria e entusiasmo".

A 6ª série também da continuidade a essa manifestação e faz um "trabalho maravilhoso". Mas, já há um sentido de auto-crítica nos traços e uma distinção de bom e do ruim, sem contudo, trazer total inibição a desenvolvimento criativo do estudante.

Está na hora de falarmos do Concurso. Mas antes, comentaremos a 7ª e 8ª séries. Ali, os alunos começam a encontrar certas barreiras e a ter dificuldades quanto à criação. Diz



Com a filha, a professora Regina.

Regina que "é próprio da idade pois têm, nessa época, uma preocupação da imagem junto ao grupo e uma necessidade de auto-afirmação". Voltam-se para desenhos geométricos, com certo receio de exprimirem suas idéias em traços criativos e extravazarem seus sentimentos. Mesmo assim, apresentam propostas válidas e compatíveis com a idade.

Nesses quatro anos, os estudantes entram em contato com grafite, lápis de cor, gis de cera, caneta hidrocor, feijão, prego, linhas de costura, fios de lã. Depois com escultura, móveis, arame e sabão. Técnicas de **ponto, linha, forma e espaço** lhe são ensinadas, como também a organização dos elementos dentro do espaço compositivo.

Esses trabalhos, depois de feitos, são pendurados nas paredes dos corredores da escola, numa eterna exposição de arte, e uma das mais concorridas da cidade, sem compradores e sem **marchands**.

A última coisa que faltava para esses alunos, depois de tudo isso, é o **lixo**. E eles estão, realmente, no lixo. Todos os objetos que não têm utilidade, que já não servem para nada, são levados à escola e montados de acordo com as possibilidades, exigindo do aluno uma percepção abstracionista e estética. Num trabalho criativo, bonitas formas são conseguidas, e o **lixo** transforma-se em **arte**.

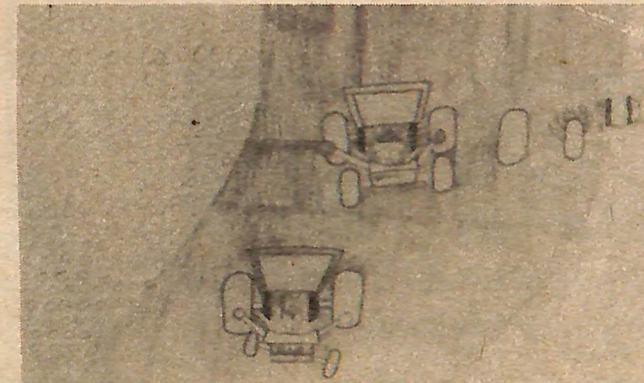
Agora, o Concurso.

Mais por uma exigência dos alunos, que viam competições na parte literária e também na musical, foi instituído o Concurso de Artes Plásticas. Num dia determinado, todos os alunos que se inscreveram, da 5ª a 8ª séries e também do 2º grau, levaram o material que julgaram necessário e que iriam utilizar. Individualmente ou por equipes, os alunos tiveram o prazo de três horas para desenvolver seus trabalhos e lhes foram apresentadas treze palavras: calor, vento, brilho, juntos, sorrisos, orvalho, velocidade, neblina, luz, verde, eu, áspero, céu. Os alunos escolhiam três dessas palavras e formavam o tema do trabalho a ser apresentado.

Ao final do prazo estipulado, sessenta trabalhos eram apresentados, inclusive esculturas. Fala Regina: "Foi um concurso interessante, onde todos se esmeraram em apresentar um trabalho bonito e criativo. E o resultado não poderia ser melhor. Para selecionar os melhores foram convidados: o João Borim, o Araken (aqui do jornal), o Edson Castro, o Du Pereira, o Mano (também do jornal) a Suzana Traldi, a Nydia Lauterbach e a Fernanda Milani.

A 5ª série foi julgada separadamente e o prêmio especial ficou para Rubens Zanatta e o 1º lugar para o grupo formado por Valério Zacarias, Tania Carezato e Paulo Pontes Nava. Para todas as outras séries, individualmente Marcel Eduardo Romero foi o primeiro classificado. O segundo foi Célia Regina Franço e prêmio especial para Paulo Alves Junqueira e Paulo Alberto Brombal. Em grupos, o primeiro lugar coube a Alda Renata Orsi e Célia Helena Ostaponko. O segundo para Silvana Ermani, Virginia Maria Lisoni, Tania Mara Paulon de Castro e Sara Fernandes Paez. Prêmio especial para Gelson Ruran Giraldo, Celso Tadeu Muniz e Carlos Oda. Devido ao grande sucesso que o Concurso conseguiu, possivelmente o ano que vem tem mais.

PS: "Agradece o Erno, do Centro Civico, e toda a turma, que sempre colaborou com a gente".



Outro ganhador. Tema: juntos, velocidade e calor.

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666

aberto até às 4:00 hs.
PIZZA
FIBES
LANCHES
DOCES SÍRIOS
Pratos Arabes
IBE
ADI

67⁸ 75
ANOS



**CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.**

r. Siqueira de Moraes n° 578
8º andar - conjunto 801 - C

GRAND
PRIX
MECANICA
OPALA E CHEVETTE
R. BANDEIRANTES 157 - FONE 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR

ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO **CHICKEN-IN**

avenida antonio segre, 504

Concorrência do Sistema Viário: o caminho, agora, é a Justiça!

Na ausência do líder da bancada do MDB, sr. Abdoral Lins de Alencar, que se constituirá num dos membros e relator da Comissão Especial de Inquérito incumbida de examinar o processo administrativo da concorrência pública 66/73, a Câmara Municipal apreciou na última quarta-feira as conclusões dessa C.E.I., decidindo pelo arquivamento da denúncia segundo a qual aquele procedimento da atual administração causou ao Município um prejuízo da ordem de Cr\$ 40 milhões.

As dúvidas em torno dessa concorrência começaram a surgir logo no início de 1974, quando se deu o julgamento das três propostas apresentadas, todas de idêntico valor global: Cr\$ 178.212.128,85. O edital de convocação das empreiteiras houvera estabelecido o regime de preços unitários, e apesar dos três orçamentos apresentados terem sido gêmeos, acompanhando o valor estimado para as obras, observaram-se gritantes disparidades entre os preços fornecidos pelas três firmas para os diferentes tipos de serviços que seriam realizados. Se cada qual fosse contratada para a execução dos serviços mais condizentes com as especialidades, no cômputo geral a Prefeitura economizaria em torno de Cr\$ 40.000.000,00 como mais tarde viriam demonstrar três engenheiros, um advogado e um contabilista indicados pelo Diretório Municipal da Arena para constituírem a primeira comissão que se incumbiu de examinar o processo após ser declarada vencedora a firma Andrade Gutierrez S.A.

A Comissão Especial de Inquérito foi constituída na Câmara a 4 de

setembro de 1974, quatro semanas depois da divulgação do relatório dos técnicos constituídos pelo Diretório local da Arena. Essa C.E.I. originou-se da aprovação de um requerimento subscrito pelo vereador José Silvio Bonassi e mais cinco componentes do Legislativo, que, na ocasião, reputavam como "um autêntico descalabro administrativo" o fato apontado pela comissão de técnicos. "Os alarmantes enunciados naquela peça — afirmava então o vereador José Silvio Bonassi, referindo-se ao relatório — tocam às raias do teratológico!".

Entretanto, passados 13 meses e 15 dias da constituição da C.E.I., depois de terem sido confrontados os elementos constantes da denúncia com os oficiais e ouvido o renomado jurista Ovidio Bernarde (que confirmou a existência de indícios capazes de comprometer o ato do prefeito), o parecer submetido à apreciação do plenário foi no sentido de que se procedesse ao arquivamento do inquérito por "falta de elementos capazes de acarretar a responsabilidade do chefe do Executivo". Nesse parecer conclusivo ficou esclarecido, igualmente, que o arquivamento não subtrairia a qualquer vereador ou qualquer cidadão o direito de "tomar as providências contra o sr. Prefeito em razão dos mesmos fatos, aqui não comprovados satisfatoriamente".

A falta da assinatura do vereador Romeu Zanini no parecer final da C.E.I. e a ausência do vereador Abdoral Lins de Alencar, que houvera

viajado para os Estados Unidos sem ter conhecimento que o projeto de resolução pró-arquivamento do inquérito seria pautado para a sessão imediata serviram de base ao vereador José Rivelli para propor, mediante requerimento à Mesa, o adiamento dessa matéria por mais duas semanas. Contudo, a disposição dos vereadores alinhados ao governo municipal era de aprovar naquela mesma noite o arquivamento do inquérito, de modo que o requerimento foi prontamente rejeitado.

Passando-se a discussão do projeto de arquivamento, o primeiro vereador a ocupar a tribuna foi Romeu Zanini, que se manifestou decepcionado com as conclusões da C.E.I., depois desta ter se empenhado durante mais de um ano em pesquisas e averiguações, tomando inclusive a assessoria de um profissional que custou à Câmara a soma de Cr\$ 15.000,00.

A seguir falou o vereador José Silvio Bonassi, que houvera funcionado como presidente da Comissão, afirmando que esta "bem ou mal" havia cumprido o seu papel e que o caminho da justiça iria ainda restar àqueles que não concordassem com o arquivamento. Esta tese seria também a do vereador Elio Zillo, líder da bancada arenista, que a seguir ocupou a tribuna afirmando: "Se estivesse claro, conciso, matemático, era só partir para a cassação do prefeito e não seria necessária Comissão de Inquérito alguma".

QUEM IRA A JUSTIÇA?

Se o caminho da jus-

tiça era o que acabava de indicar o líder da bancada arenista aos que discordavam do arquivamento do processo, fácil se concluiu, a essa altura, que não restava, senão essa, qualquer outra opção ao grupo dos não-alinhados. Argumento algum seria capaz de mudar o resultado da votação que se daria dentro de instantes. Os alinhados à administração municipal, constituindo o grupo majoritário, não haveriam, em hipótese alguma, de acolher novas ponderações sobre o assunto, como já não haviam concordado com o pedido de adiamento da discussão da matéria.

Mesmo assim, como que para cumprir um dever de seu ofício, José Rivelli, o autor do requerimento rejeitado, foi até a tribuna. E ali não fez senão lamentar o fato de a Comissão de Inquérito tendo o processo durante mais de um ano em suas mãos, não haver procurado nenhum órgão consultivo do governo estadual ou da União para orientar seus pareceres e conclusões. Concluindo, lembrou que também o processo de impeachment do prefeito, iniciado a requerimento seu e com grande apoio na Casa, tivera como desfecho o simples arquivamento, e não antes que ele ameaçasse levar os fatos ao conhecimento da Presidência da República e órgãos da justiça federal.

(O episódio aí lembrado pelo vereador José Rivelli foi reportado pelo **Jornal de Jundiá** (edição de 20/02/75), em uma nota do seguinte teor: "Por sete votos contra cinco, decidi essa noite o plenário da Câmara Municipal optar pelo arquivamento do processo de impeachment movido

contra o prefeito Ibis Cruz por descumprimento de dispositivo do Decreto 201 referente à recusa de prestar informações ao Poder Legislativo e outras irregularidades político-administrativas apontadas pelo vereador José Rivelli. Pelo arquivamento do processo votaram os vereadores Antonio Tavares, Edmar Correa Dias, Henrique Victório Franco, Herme-negildo Martinelli, Geraldo Dias, Waldir Fernandes e Rolando Giarola, este último do MDB. Pelo prosseguimento os vereadores Abdoral Lins de Alencar, Pedro Oswaldo Beagin, Joaquim Ferreira, Adoniro José Moreira e Romeu Zanini, os três primeiros do MDB e os dois últimos da Arena. Abdoral Lins de Alencar, presidente da Comissão Processante e único a se manifestar favorável ao prosseguimento do processo, falando em explicação pessoal na abertura da sessão, apresentou um minucioso relato do processo, concluindo que a não assinatura do parecer final pelos outros dois membros da Comissão se constituiu numa "omissão manifestadamente protelatória". Ao que se comentava nos bastidores da Câmara, a assinatura do vereador Luiz Lourenço Gonçalves não pode ser colhida em virtude do seu regresso aos Estados Unidos, de onde viera na noite de 31 de janeiro com o fim de específico de participar da votação da manhã de 1º de fevereiro para escolha dos novos dirigentes da Mesa. Comentava-se ainda mais, que a primeira saída do vereador Luiz Lourenço Gonçalves do País e também esta segunda (se ocorreu) não recebeu a Câmara qualquer notificação, como é exigida por lei, sujeitando-o, isso, à perda do mandato").

ARGUMENTO FINAL

O vereador Adoniro José Moreira, que se manifestara favorável em 1974, ao impeachment do prefeito e depois à constituição da Comissão Especial de Inquérito (vindo a compô-la) para examinar os gastos com a contratação da Andrade Gutierrez para a execução do Sistema

Viário do Município, foi o último a ocupar a tribuna para discutir o projeto de resolução, aconselhando o arquivamento do processo referente a essa denúncia. Reportando-se à ata da 10ª reunião da Comissão Especial de Inquérito, procurou demonstrar que a concorrência pública 66/73, embora tivesse desatendido a vários dispositivos do Decreto-Lei Federal de 9 de novembro de 1973, subsistia à crítica no aspecto de legalidade, eis que o referido decreto estaria carente de amparo na Constituição. Esta alegação Adoniro a fez baseado em pareceres do jurista Hely Lopes Meirelles que também foram compor os relatórios da C.E.I. tendentes ao arquivamento do processo.

Encerrando a fase dos debates, o líder da bancada situacionista retornou à tribuna para fazer o encaminhamento da votação, conclamando seus pares a optarem pelo arquivamento do processo e voltando a frizar: "Se alguns dos vereadores da Aliança Renovadora Nacional ainda tiverem dúvidas, poderão dar continuidade a esse processo pela Justiça Civil".

De sua parte, investido na liderança da banca oposicionista, o vereador Joaquim Ferreira renovou seu apelo no sentido de que os emedebistas rejeitassem a proposta de arquivamento.

Fazendo-se a consulta nominal dos vereadores presentes, observou-se o resultado previsto, de 8 votos a 5 pelo arquivamento do processo, com o referendado da proposta pelos vereadores Adoniro José Moreira, Antonio Tavares, Elio Zillo, Henrique Victório Franco, Lázaro de Oliveira Dorta, José Silvio Bonassi, Waldir Fernandes e Rolando Giarola, este último, vereador expulso do MDB. Mantiveram-se contrários ao arquivamento os vereadores Joaquim Ferreira, Leonel Moacyr Corazzari, José Rivelli, Pedro Oswaldo Beagin, e Romeu Zanini.

Eram 23hs45 dessa quarta-feira, 19 de novembro de 1975, quando o presidente Carlos Ungaro anunciava o sepultamento, no âmbito do Poder Legislativo, da denúncia segundo a qual o Município está pagando Cr\$ 40 milhões a mais pelas obras do seu Sistema Viário.

RESTAURANTE E WYSKERIA

— DON GUIDO —

ONDE COMER BEM

NÃO É SÓ UM PRAZER, MAS
TAMBÉM UM PRIVILÉGIO

JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670



O QUE VAI PELOS ARES

André Malraux dá sua opinião

"Opinião" de 14/11 traz, na página 13, uma entrevista com André Malraux, atualmente com 74 anos, que acaba de publicar "Hóspedes

de Passagem", um fragmento.

Falando sobre o pensamento de Stalin, Malraux explica: "Para mim, o pensamento stalinista era de caráter essencialmente estatístico: "Se eu mandar para a prisão ou fuzilar todo homem que conheceu um homem que conheceu um culpado, não haveria um Franco". A

noção estatística essencial: "Não permitirei que haja gangrena". Num universo onde não se tem uma verdade objetiva possível, o movimento estatístico é invencível", conclui Malraux. (E.M.)

Guimarães Rosa na Globo

Dia 26, às 9 da noite, o "Caso Especial" da Rede Globo vai mostrar "Sarapalha", de Guimarães Rosa. Extraído do livro "Sagarana", esse conto tem tudo para ser um desses espetáculos que redimem as asneiras da televisão.

A adaptação é de Roberto Santos (que também dirigirá o "Caso Especial"), diretor que já levou, ao cinema, "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" — baseado em outro conto de "Sagarana".

Apenas pra dar clima áquilo que você vai ver (olha lá, hem,

não é pra perder), dia 26, na Globo, aqui vai um trechinho do conto, nas palavras do brasileiroíssimo Guimarães Rosa:

"Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: as casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada de tanto que o mato a entupiu. (...) E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar..."

Juca de Oliveira, Stênio Garcia, Ana Maria Magalhães, Apolo Correa e Edson Terra Heath compõem o elenco. (E.M.)

Você acaba de ficar milionário!



Cá temos Inos Corradin em sua forma definitiva. Um vero pittore internacional, como anunciamos fartamente. O fato que se deve ressaltar, nesta edição, é a sua inauguração, de exposição de seus trabalhos, na Galeria Debret, em Paris. Então vemos, Harry Laus, que o acompanhou, o Inos, Marisa Prado, "que foi a protagonista de "O Cangaceiro", ao lado, na ocasião

de Alberto Ruschel, Fernando Fontoura, adido cultural da Embaixada Brasileira na França e Eva Prist, colecionadora. De costas, Ceres Franco, dona de uma Galeria na Rue Quincampoix, conhecida artéria da Cidade Luz". E mais, a grata notícia de que esta artista terá ainda, a partir do dia 6 de Maio de 1976 uma exposição em Londres, na Madden

Gallery. Não é mesmo espetacular? Você não acha que é brilhante, maravilhoso e alvissareiro privar do convívio, ainda que agora, cada vez mais rarefeito deste implacável rapaz? Ein, ein?! Saiba que nós, cá deste hebdô, achamos. Você que em tempo, correu e investiu seu rico dinheirinho em obras dele, sabedor de seu valor, deve estar estupe-

facto, senão surpreso, como diríamos? de que ele aí, pendurado em sua parede, fosse impedir que você, nem mesmo mais pensasse em mudar o prego da mesma, com medo de desvalorizar o prego, não é mesmo?

Por isso, nosso pilleque é irreversível. Bebemos em sua homenagem.

EDUARDO

"... Acendo esta vela para ti"

"Tu é um cara que a gente não esquece. Quando deres um pulo pelo sul, me procura, para eu te retribuir aquele churrasco ao ar livre.

"Agora o bilhete é para te avisar que lancei pela Ed. Globo o romance policial paulista — de transa publicitária — "O Crime é um caso de Marketing".

"Se der no jeito, lê. Um abraço do Lessa".

Depois de 7 anos sem notícia, Barbosa Lessa, gaúcho, autor de "Negrinho do Pastoreiro", um quase-hino do Rio Grande do Sul, me adula e vende o seu peixe.

Adivinhe se eu não vou comprar e ler e gostar do livro dele?(E.M.)

A poesia séria de Ferreira Gullar

"De que vale tentar reconstruir/ com palavras/ o que o verão levou/ entre nuvens e risos/ junto com o jornal velho pelos ares?/ O sonho na boca, o incêndio na cama,/ o apelo na noite/ agora são apenas esta/

contração (este clarão)/ de maxilar dentro do rosto".

O poema "Corpo" e outras coisas maravilhosas de Ferreira Gullar estão no livro "Dentro da Noite Veloz", que a Civilização Brasileira está vendendo a Cr\$ 30,00. (E.M.)



HORÓSCOPO

Áries (21/3 a 20/4)

É possível que, devido à crise árabe, o lobo diga que a água está legal, que você pode continuar bebendo, etcetera. São os dias de hoje, carneirinho irmão.

Touro (21/4 a 20/5)

Se em vez de Ferdinando você se chamasse Francisco não haveria toureiro

capaz de matar, Pepito.

Gêmeos (21/5 a 20/6)

Os sócias não têm dado certo. Pelo menos para mim. Vá de simples coluna do meio. Seja (m) feliz (es).

Câncer (21/6 a 21/7)

Que tal uma viagem à Espanha? Que

tal o palácio do governo? Que tal o leito imperial? Mas vá logo, pô!

Leão (22/7 a 22/8)

Sonhos são maus presságios. Como? Sonhaste com a Jeanne Moureau? Pois acorde e olhe para o lado.

Virgem (23/8 a 22/9)

Aproveite o verão e use roupas mais deco-

tadas. Se não der certo, canonize-se.

Balança (23/9 a 22/10)

Não se vanglorie. Muito mais gente tem morrido de equilíbrio do que de palhaçada. No circo, pelo menos.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Cuidado com a alimentação. Evite,

principalmente, rabadas.

Sagitário (22/11 a 21/12)

Evite às 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª letras do teu signo. Fique no sio. Ou cio. Cia não, imbecil!

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Ama teu irmão. Divide o pão. Se for

muita coisa, pregue um adesivo no parabrisa do carro: o que vale é a intenção.

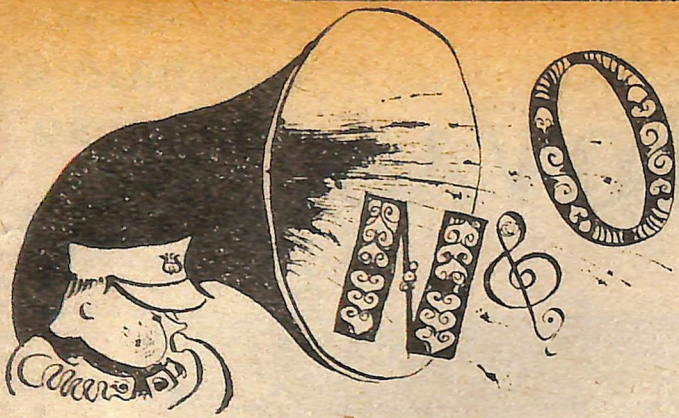
Aquário (21/1 a 19/2)

Serei? Serás? Será? Seremos? Sereis? Serão? São as dúvidas sobre o futuro, bicho.

Peixes (20/2 a 20/3)

Minhoca, por mais nojenta, é melhor que anzol, falei?

Profa. Zuleika



To be or not to be

Uma frase de Joaquim Ferreira na última sessão da Câmara:

—“Em caso de dúvida, eu voto contra ou a favor”.

Se a Câmara jogasse com **coluna do meio**, o vereador também perfurava essa. (Pablo).

UMA QUESTÃO DE OUTROSSIM

Você, universitário que integrará o “Projeto Rondon”, este ano prepare-se para uma mudança: em vez da camiseta com o slogan “**Integrar para não entregar**”, tradicional desde 1967, você vai receber uma nova, com os dizeres “**Integrar para desenvolver**”.

Isto não tem nada a ver com você, falecido: semântica é outro departamento. (E.M.)

Pufmania

Tão logo li a manchete no “Diário de S. Paulo” (20/11) “FGTS terá órgão próprio para operar”, me veio à mente: **fimose**. (E.M.)

Franqueza

Depois de uma longa agonia faleceu, dia 20 de novembro, o caudilho espanhol Francisco Franco. 36 anos, se não me engano. (E. M.)

EXTRAVAGÂNCIA

Ver o Paulista num quadrangular junto com Corinthians, Flamengo do Rio e o Atlético mineiro pode ser um sonho por demais grande para os torcedores do tricolor, que ultimamente, quando muito têm assistido somente a jogos com o Saad, Portuguesa Santista e São Bento.

Mas pode ser também um sonho muito caro, não só para os esportistas como para toda a população, assista ou não a esse torneio. É que a promoção, não bastassem as extravagantes experiências com o boxe, será da Prefeitura Municipal. E o dinheiro a ser arriscado nessa empresa de duvidosos lucros — como não podia deixar de ser — é aquele que arde ao contribuinte quando o deposita nos cofres municipais com a esperança de vê-lo empregado em obras que precisa. (Pablo).

Pufs!

Mutirão é um negro muito forte, que vale por dez.

Cloaca é um tipo de sapo que come detritos.

Cardume é o nome dado à mes-treção das baleias.

Alferes foi um turco que ajudou a enforcar Tiradentes.

“Bombix Mori” é uma encíclica que condena o uso das armas nucleares.

Diógenes achava que lugar de homem é na barrica.

Rábulas eram matronas romanas que possuíam quadris enormes.

Corruptelas são deslises cometidos por funcionários de segundo escalão.

Paderewsky é um prato russo à base de confeitos.

Aktiebolaget é uma exclamação suíça que corresponde ao nosso “Epa!”.

Menisco é um tipo de molúsculo que dá em braço de mar.

Tíbia e Perônio fundaram Roma. Catarse é uma deformação fisiológica que leva o paciente a tirar caca do nariz.

Bálsamo foi um príncipe que enternecia as mulheres de sua corte.

Cíclope é um vento tão forte que chega a derrubar cavalos.

Dante Aleghieri, em italiano, significa “Quanto riso!”

Dracma foi um conde que tomava o dinheiro de suas vítimas, enquanto elas ainda sangravam.

Lucerna é uma espécie de faroleto usado no sul da Itália.

Capilar era a arte de depilação, entre os egípcios.

Per capita é uma expressão latina que significa “Com os diabos!”

Renda per capita é uma ladainha nordestina cantada em louvor das pessoas degoladas por Lampião.

JORNAL DE 2ª FEIRA
FONE: 4.2759

CANTINA
JUNDIAIENSE



o
melhor
serviço

R. BARÃO 910

7 Dias em Iguazu
e

Buenos Aires

PARA SUAS COMPRAS DE NATAL
IDA E VOLTA — Cr\$ 1.800,00

Abite Turismo

RUA DO ROSÁRIO, 585 — FONES: 6-1530 e 4-3922



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

O MELHOR
PLANO
NACIONAL

60 MESES

A MAIS
COMPLETA
Linha de
VEÍCULOS.

SEM ENTRADA. SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMÍNIO

CONSÓRCIO NACIONAL

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA



A SUA GRANDE
CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.
Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ, 1465
TELEFONE: 4-0478

INQUÉRITO NA GAVETA. DESCULPA: FALTA DE PROVAS

Na sessão do dia 19, a Câmara Municipal decidiu arquivar o inquérito realizado pela Comissão Especial criada pelo Legislativo para examinar a Concorrência 66/73, da Prefeitura de Jundiá, para a execução do sistema Viário.

Tal arquivamento foi solicitado pelos vereadores Adoniro José Moreira, José Silvio Bonassi e Antonio Tavares. Estes três vereadores faziam parte da Comissão Especial de Inquérito, juntamente com Romeu Zanini e Abdoral Lins de Alencar. Estranho terem pedido o arquivamento, pois a conclusão a que chegou a Comissão de Inquérito, no seu parecer apresentado em 10 de abril último, tinha sido a seguinte:

"EM CONCLUSÃO, o edital e a concorrência estão eivadas de flagrante ilegalidade, o que vem tornar anulável o contrato firmado, não se olvidando que pelas conclusões do parecer da comissão da "ARENA", ficou demonstrada a LESIVIDADE DE TAL NEGÓCIO para o patrimônio municipal.

Ante a esta conclusão, parece-nos que o sr. Prefeito praticou atos que justificam medida judicial por parte desta Câmara, a fim de invalidar tais atos junto ao Poder Judiciário, bem como as medidas legais cabíveis contra o sr. Prefeito, tudo em nome da legalidade e moralidade da coisa pública.

Diante do exposto, este Relator é de parecer que existem os elementos para oferecer denúncia por crime de responsabilidade do Sr. Prefeito Municipal, isto tomando-se por base apenas o relatório do eminente Advogado Dr. Ovídio Bernardi, que é o resultado de ampla pesquisa realizada na documentação relativa ao sistema viário, existente na Prefeitura".

O assunto é de extrema gravidade, conforme se pode perceber. No entanto, o processo foi mantido em "banho maria" na Câmara, durante todos estes meses. Agora, os vereadores Adoniro, Bonassi e Tavares, apesar das sérias conclusões chegadas em abril, resolveram pedir o arquivamento do inquérito, alegando inexistência de provas. Pedido este que a Câmara rapidamente aprovou, graças à ação do bloco majoritário de vereadores alinhados com o executivo municipal.

As críticas à concorrência

As críticas que vem sendo feitas à concorrência do Sistema Viário, e que se consubstanciaram no parecer da comissão de técnicos designada pela ARENA para examinar o assunto, são bastante objetivas:

— As condições em que se realizaram a concorrência, não propiciaram a participação de um número maior de firmas, como seria de se desejar.

— O pré-orçamento preparado pela firma SOTAFPE era extremamente elevado, levando a um empate forçado no montante global dos orçamentos apresentados, pois as firmas interessadas estavam impedidas de apresentar valores inferiores ao mínimo estabelecido pela SOTAFPE.

— A concorrência se referia a um regime de empreitada por preços unitários. No entanto, o julgamento se fez pelo preço global. O contrato de obras, com a vencedora, voltou a ser feito por preços unitários.

— Foi dada como vencedora a firma Andrade Gutierrez, embora tenha apresentado na concorrência os preços unitários mais disparatados. Alguns itens, como "escavação de terra"; foram orçados quatro vezes mais caros que os preços normais desses serviços, apresentados pelos outros concorrentes. O item "concreto asfáltico", para a pavimentação das vias, foi cotado pela Gutierrez praticamente pelo dobro do preço da firma Firpavi.

A posição

dos vereadores

Votaram pelo arquivamento do inquérito:

Adoniro
Tavares
Bonassi
Quico Franco
Giarola
Zillo
Dorta
Waldir

Votaram contra o arquivamento:

Rivelli
Zanini
Joaquim
Beagin
Corazzari

Absteve-se:

Edmar

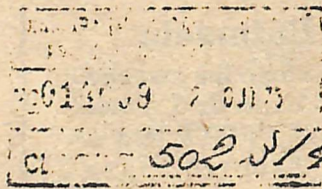
Não votaram:

Carlos Ungaro (presidente)
Alencar (viajando ao exterior)
Sargento Luiz (salu mais cedo)

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIÁ



Câmara Municipal de Jundiá
Estado de São Paulo



PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 329

Art. 1º - Ficam aprovadas as conclusões da Comissão Especial de Inquérito, criada por força do Requerimento nº 880/74, a qual, por maioria, opina pelo arquivamento do inquérito, por falta de provas contra o Prefeito Municipal, relativamente à concorrência pública nº 66/73.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogar-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 21 de outubro de 1975.

José Silvio Bonassi.

Adoniro José Moreira.

Antonio Tavares.

(Abdoral Lins de Alencar) (Romeu Zanini)

JUSTIFICATIVA

A Comissão Especial de Inquérito criada por força do Requerimento nº 880, de 02 de setembro de 1974, tinha a finalidade específica de "examinar em seus mínimos detalhes todo o procedimento administrativo referente à Concorrência 66/73".

O projeto de arquivamento, sem a anuência de Alencar e Zanini

As contas que os vereadores não quiseram fazer

Os serviços realizados pela Andrade Gutierrez no Sistema Viário, nestes dois anos de trabalho intenso, são exatamente aqueles de preços unitários absurdamente altos. É o caso do movimento de terra, na abertura das vias; é o caso também da pavimentação asfáltica.

Isto significa que as quantias vultosas aplicadas nas obras, e que levaram a um endividamento brutal do município, se consumiram no pagamento de serviços a preços muito superiores aos preços normais.

Há uma coisa muito simples para ser feita, e que poderá dar a dimensão da "LESIVIDADE DE TAL NEGÓCIO

para o Patrimônio Municipal", conforme os próprios termos usados no parecer da Comissão Especial de Inquérito. É suficiente apurar-se o volume de serviços feitos e os montantes pagos à empreiteira. Pode-se em seguida calcular quanto teria sido gasto se os mesmos serviços tivessem sido feitos a preços normais, do DER, ou a preços melhores apresentados pelas outras firmas nas concorrências. A diferença representa quanto o município pagou a mais, devido ao contrato milionário da Gutierrez.

Esta conta simples, os vereadores, ou pelo menos o bloco majoritário da Câmara, não

quis fazer. No entanto, é necessário que seja feita, pois os números envolvidos são elevadíssimos. A Comissão de técnicos da Arena estimou em 40 milhões de cruzeiros o prejuízo do município decorrente da contratação das obras do Sistema Viário a preços unitários inconvenientes.

Isso, em janeiro de 1974. Hoje, com os reajustes, tal valor se eleva a mais do dobro. O montante real deste prejuízo poderá ser conhecido no dia em que se fizer a análise completa e detalhada das obras e dos custos do Sistema Viário. Análise esta que a Câmara de Vereadores se negou a fazer.

Geisel quer combater à corrupção

Representando o Presidente da República no Congresso dos Tribunais de Contas que se realiza em João Pessoa, o ministro da Justiça Armando Falcão pronunciou discurso em que deu ênfase ao "... combate a esse caldo de cultura que é a corrupção". Alguns trechos da fala do ministro expondo a pensamento do presidente Geisel:

"Trago-lhes - senhores ministros e senhores conselheiros - expressão do apreço de S. Exa. o senhor presidente Ernesto Geisel, a quem nesta solenidade tenho a honra de representar. Quis o chefe do Estado que lhes significasse o quanto valoriza o trabalho das Cortes de Contas do País e a exata compreensão que tem de sua posição institucional. A elevação do nível ético da vida e da administração dos negócios públicos é um ideal democrático, a que se há de procurar corresponder com vigor e fé permanente.

"Assim o entendeu, desde as suas origens, a Revolução de 1964. Por isso mesmo, nunca separou a luta contra a subversão do combate que deve ser dado a esse caldo de cultura, que é a corrupção. Esta precisa ser enfrentada sob todas as suas formas, desde a malversação pura e simples dos dinheiros públicos, até o tráfico de influências em detrimento do interesse coletivo. Daí o esforço da autoridade e a maior amplitude deferida à ação do Tribunal de Contas da União.

"Mais ainda: precisam elas (as normas que regem a gestão financeira e orçamentária) ser dispostas, inclusive as de natureza contábil, de sorte a impedir manipulação que encubram situações em tudo diferentes das que são apresentadas. E que a boa aplicação dos dinheiros públicos comporta, necessariamente, a avaliação dos resultados e o conceito de custo, que pode representar para a administração pública o que o lucro é, como índice de eficiência e como critério de escolha, para a administração privada.

"Deve-se ter em vista que, no final, somos todos - juizes, legisladores ou administradores - servidores do Brasil. O que nos cumpre é realizar, cada um no terreno que lhe é próprio, o bem coletivo e o interesse da nação. Dar contas, não apenas como gestores ocasionais, mas de todos os nossos atos e de nossa vida mesma, é obrigação que assumimos com os munus de servir ao Estado e ao povo. Aceitar, de um grado e com espírito de humildade, que essas contas nos sejam tomadas é parte da formação do homem público e do funcionário. E os que alimentam qualquer espécie de dúvida ou de relutância sobre esse dever, simplesmente deveriam procurar na vida privada a satisfação de suas aspirações e a realização de suas virtualidades.

Nesse espírito, que é o da Revolução de 31 de março, é que lhes transmito, senhores ministros e senhores conselheiros, a saudação do senhor presidente Ernesto Geisel".